



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**PATRÍCIA SOARES DE MEIRELES**

**Linha de Pesquisa:  
Transformações Econômicas e Processos de Urbanização**

**AS RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ ENQUANTO PERIFERIA DO  
ESPAÇO URBANO DE ALAGOINHA/PB:  
uma análise da infraestrutura**

**GUARABIRA - PB  
2013**

PATRÍCIA SOARES DE MEIRELES

**AS RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ ENQUANTO PERIFERIA DO  
ESPAÇO URBANO DE ALAGOINHA/PB:**  
uma análise da infraestrutura

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

**Orientador: Prof. Me. Hélio de França Gondim**

**GUARABIRA – PB  
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

M321r Meireles, Patrícia Soares de

As ruas do sol e chã do cajá enquanto periferia do espaço urbano de  
Alagoinha/PB: uma análise da infraestrutura / Patrícia Soares de  
Meireles. – Guarabira: UEPB, 2013.

59 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)  
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Me. Hélio de França Gondim.

1. Alagoinha 2. Periferia Urbana 3. Infraestrutura I. Título.

22.ed. CDD 370

PATRÍCIA SOARES DE MEIRELES

**AS RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ ENQUANTO PERIFERIA DO  
ESPAÇO URBANO DE ALAGOINHA/PB:**  
uma análise da infraestrutura

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Data de aprovação: 30/03/2013

Banca examinadora:



Me. Hélio de França Gondim - Orientador  
Mestre em Geografia - UFPB



Me. Thiago Almeida de Lima - Examinador  
Mestre em Geografia - UFPB  
Prof. do Dep. de Geografia/CH/UEPB



Me. Elton Oliveira da Silva - Examinador  
Mestre em Geografia - UFPB

*Dedico esse trabalho a Deus por estar sempre comigo, dando-me força para superar todos os obstáculos. A minha família pelo apoio e incentivo. E a todos da turma 2009.2.*

## AGRADECIMENTOS

Reservo este espaço para agradecer às pessoas que contribuíram de alguma forma não só para essa pesquisa, mas também para a minha graduação. Neste sentido, agradeço:

Ao professor Me. Hélio de França Gondim pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pelo incentivo e dedicação. Mesmo com a distância e a falta de tempo disponível para nos encontrarmos pessoalmente ele foi capaz de ajudar por meio das redes sociais.

Aos professores do Curso de Geografia da UEPB, em especial, Francisco Fabio e Luciene Arruda, que contribuíram para a escolha e o desenvolvimento desta pesquisa e também para minha formação profissional.

A todos os funcionários da UEPB pelos serviços prestados, principalmente aos da biblioteca e aos da coordenação de geografia.

Aos meus pais pelo incentivo, ajuda financeira e por compreender que em muitos momentos ao longo desses quatro anos não pude ajudá-los nas tarefas domésticas por causa das atividades da universidade.

A minha avó, por ter me ajudado nas despesas que surgiram ao longo dos quatro anos de curso.

A minha tia Rosa Apolinário, pelos dias em que fiquei em sua casa para poder ir à universidade no horário certo.

A minha prima Leane, pelas noites que dormi em sua casa, pois muitas vezes tive que ficar até mais tarde ou ir à noite para a Universidade e à Escola Monsenhor Emiliano de Cristo para: cursos de extensões, reuniões do PIBID, estágios etc., e com isso não tinha como voltar para minha casa.

Aos meus irmãos Valdeir e Janaina e meu tio Sebastião pelo incentivo.

Às agentes de saúde das Ruas do Sol e Chã do Cajá pelas informações que deram sobre a infraestrutura e a população da área estudada.

Aos funcionários do SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto), pelos dados fornecidos a respeito do sistema de abastecimento de água nas ruas estudadas.

A minha amiga Nadergy por ter me ajudado na realização de algumas fotografias e das entrevistas. Também pelas informações que a mesma deu sobre a área estudada.

Aos meus queridos amigos que fizeram parte junto comigo da turma 2009.2. Vivemos momentos difíceis, mas sempre buscamos ajudar uns aos outros. Não formamos apenas uma turma de alunos do curso de geografia, mas sim uma família.

Finalmente, expresso meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que direta ou indiretamente incentivaram, contribuíram, auxiliaram, facilitaram, apoiaram, acompanharam e torceram pela realização e conclusão dessa Monografia.

## **043 – GEOGRAFIA**

**TITULO:** As Ruas do Sol e Chã do Cajá enquanto periferia do espaço urbano de Alagoinha/PB: Uma análise da infraestrutura

**LINHA DE PESQUISA:** Transformações Econômicas e Processos de Urbanização

**AUTORA:** Patrícia Soares de Meireles

**ORIENTADOR:** Prof. Me. Hélio de França Gondim

**EXAMINADORES:** Prof. Me. Elton Oliveira da Silva -  
Prof. Me. Thiago Almeida de Lima –DG/CH/UEPB

### **RESUMO**

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa que foi realizada em uma área periférica da cidade de Alagoinha-PB, especificamente nas Ruas do Sol e Chã do Cajá onde a infraestrutura é precária. Tais ruas, assim como outras áreas periféricas pobres das cidades brasileiras, apresentam aspectos que retratam, dentro do espaço urbano, a pobreza e a separação de classes. Enquanto os pobres moram em áreas precárias da cidade, a elite vive em locais que tem uma infraestrutura adequada. A cidade de Alagoinha está localizado na Mesorregião do Agreste paraibano, mais precisamente na Microrregião de Guarabira-PB. Segundo o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sua população está estimada em 13.577 habitantes, sendo 9.033 no perímetro urbano e 4.544 na zona rural. Nas áreas estudadas moram em média 858 pessoas. Esse trabalho tem o objetivo geral de analisar a área afastada do centro da cidade de Alagoinha-PB, especificamente as Ruas do Sol e Chã do Cajá. Os objetivos específicos foram observar algumas características socioeconômicas da população que reside nessa área; avaliar as condições das moradias; examinar os problemas sociais causados pela falta de infraestrutura; identificar a presença ou ausência de saneamento básico nas duas ruas. O estudo dessa área tem por justificativa analisar criticamente as condições de vida que a infraestrutura das Ruas do Sol e Chã do Cajá proporciona para sua população. Foram utilizados procedimentos metodológicos pertinentes à temática, dentre os quais uma pesquisa documental, bibliográfica e de campo. Nesta pesquisa evidenciamos que até mesmo nas cidades pequenas, onde é bem mais fácil de resolver os problemas relacionados à infraestrutura, as áreas mais afastadas do centro apresentam vários problemas. A população das periferias não precisa apenas que o governo construa residências, faça calçamentos nas ruas, dê um destino certo ao lixo produzido e faça sistemas de esgoto. Fora tudo isso é indispensável que haja emprego para todos, saúde e educação de qualidade. Só assim as periferias urbanas serão locais dignos de se viver, quando os seus moradores terão os mesmos direitos que os moradores dos centros das cidades.

**Palavras-chave:** Alagoinha. Periferia Urbana. Infraestrutura.



## ABSTRACT

This work is the result of a research which was held in a peripheral area of the city of Alagoinha-PB, specifically in the streets of the Sol and Chã do Cajá where the infrastructure is so much to be desired. Those streets, as well as other peripheral poor areas of Brazilian cities, contain aspects that portray in the urban space the poverty and the separation of social classes. While the poor live in precarious areas of the city, the elite live in places that have adequate infrastructure. The city of Alagoinha is located in the middle region of the state of Paraíba, more precisely in the micro region of Guarabira-PB. According to IBGE Brazilian Institute of geography and statistics, its population is estimated at 13.577 inhabitants, being 9.033 in the urban perimeter and 4.544 in the rural zone. In the areas studied live an average of 858 people. This work has the general objective of analyzing the remote area from the city of Alagoinha-PB, specific objectives were to observe some socioeconomic characteristics of the population living in this area; assess the condition of the dwelling; examine social problems caused by lack of infrastructure; identifying the presence or absence of basic sanitation in the two streets. The study of this area is justified to analyze critically living conditions that the infrastructure from the streets of the Sol and Chã do Cajá provides for its population. Were used methodological procedures relevant to the theme, among them a documentary, bibliographic and field research. In this research we noted that even in small towns, it is much easier to solve the problems related to infrastructure, the areas away from the center have several problems. The population of the suburbs do not only need that the government build houses, make pavement on the streets, take a right destination to the waste produced and do sewer systems. Beyond all this is indispensable that there be employment, health and quality education for all. Just this way urban peripheries will be places worthy to live where its residents will have the same rights that residents of the city center.

**Keywords:** Alagoinha. Urban periphery. Infrastructure.

## **LISTA DE SIGLAS**

**CPRM:** Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

**FUNASA:** Fundação Nacional de Saúde

**GSC:** Sistema de Coordenadas Geográficas

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**PIBID:** Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

**PSF:** Posto de Saúde da Família

**SAAE:** Serviço Autônomo de Água e Esgoto

**SESP:** Serviço Especial de Saúde Pública

**UBSF:** Unidade Básica de Saúde da Família

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPITULO 1 – AS PERIFERIAS URBANAS: TEORIAS E SIGNIFICAÇÕES</b> .....	17
1 AS PERIFERIAS URBANAS: TEORIAS E SIGNIFICAÇÕES .....	17
1.1Estudar a periferia a partir do conceito de espaço .....	20
1.2 Segregação do espaço urbano .....	21
<b>CAPÍTULO 2 – HISTORICIDADE E EVOLUÇÃO URBANA DAS RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ NA CIDADE DE ALAGOINHA - PB</b> .....	24
2 HISTORICIDADE E EVOLUÇÃO URBANA DAS RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ NA CIDADE DE ALAGOINHA – PB.....	24
2.1Localização das Ruas do Sol e Chã do Cajá e do Município de Alagoinha.....	25
2.2Historicidade das Ruas do Sol e Chã do Cajá, e da Cidade de Alagoinha .....	29
2.2.1 A cidade de Alagoinha .....	29
2.2.2 As Ruas do Sol e Chã do Cajá .....	32
<b>CAPÍTULO 3 - RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ EM ALAGOINHA-PB: PRECARIIDADE DA INFRAESTRUTURA DA PERIFERIA URBANA</b> .....	34
3 RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ EM ALAGOINHA-PB: PRECARIIDADE DA INFRAESTRUTURA URBANA .....	34
3.1Moradia .....	34
3.1.1 A ação do governo para resolver os problemas do déficit habitacional .....	37
3.1.2 O sistema capitalista contribui para a existência de moradias precárias no espaço urbano.....	38
3.2Saneamento básico .....	38
3.2.1 Abastecimento de água.....	39
3.2.2 Esgoto sanitário .....	42
3.3 Pavimentação .....	44
4 Lixo .....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51
<b>APÊNDICE</b> .....	55
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS AGENTES DE SAÚDE.....	56
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO NO SAAE .....	57

APÊNDICE C: PERGUNTAS UTILIZADAS NA ENTREVISTA .....	58
--	----

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Figuras:

Figura 1 - Os limites Territoriais do Município de Alagoinha-PB .....	26
Figura 2 - Visão parcial da Rua do Sol .....	27
Figura 3 - Visão parcial da Rua Chã do Cajá .....	27
Figura 4 - Organização do espaço geográfico das Ruas do Sol e Chã do Cajá .....	28
Figura 5 - Alfredo Moura primeiro líder político .....	30
Figura 6 - Território de Alagoinha na época da emancipação política	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 7 - Casas de taipa na Rua Chã do Cajá .....	35
Figura 8 - Casa construída por programa governamental na Rua Chã do Cajá. ....	37
Figura 9 - Bacia Hidrográfica do Rio Mamanguape.....	39
Figura 10 - Inauguração do abastecimento d'água em 1967 .....	40
Figura 11 - Caixa d'água na Rua do Sol .....	42
Figura 12 - Esgoto a céu aberto na Rua do Sol .....	43
Figura 13 - Limpeza feita por um dos moradores da Rua do Sol em uma vala de esgoto.....	44
Figura 14 - Ausência de calçamento em uma parte da Rua do Sol .....	45
Figura 15 - Rua Chã do Cajá no inverno.....	45
Figura 16 - Parte calçada da Rua do Sol toda coberta de terra e seixos.....	46
Figura 17 - A destinação final dos resíduos sólidos domiciliares e públicos do Brasil-2008.....	47

### Gráficos:

Gráfico 1 - Distribuição de casas de alvenaria e de taipa na área estudada.....	39
Gráfico 2 - Domicílios com abastecimento de água no município de Alagoinha no ano de 2005 e 2013.....	45

### Quadros:

Quadro 1 - Poços existentes no perímetro urbano do município de Alagoinha/PB.....	45
---	----

### Mapas:

Mapa 1 - Localização do município de Alagoinha-PB.....	29
--	----

### Tabelas:

Tabela 1 - Distribuição dos municípios, por percentual de ruas pavimentadas na área urbana, segundo as Grandes Regiões-2008.....	49
--	----

## INTRODUÇÃO

A geografia é uma ciência que nos proporciona uma grande variedade de objetos de estudos. Um deles é o espaço urbano, que também nos proporciona várias temáticas a serem estudadas, como a periferia urbana. De acordo com Gomes *et al.* (2008), as periferias são geralmente compreendidas como áreas distantes do centro tradicional, porém estão nas suas características urbanas e sociais seus principais atributos.

Segundo Tanaka e Pereira (2006), foi na década de 1970 que o termo *periferia* passou a ser utilizado com um sentido na literatura acadêmica do campo das pesquisas urbanas, como objetivo de dar conta de uma nova realidade urbana. Para o mesmo a realidade resultante da acentuação da dinâmica de crescimento urbano, principalmente nas duas décadas anteriores.

Foi com a modernização da agricultura que houve, paulatinamente, uma substituição da mão-de-obra humana pelas máquinas. Com isso, o trabalhador do campo migrou para a cidade em busca de emprego. Por falta de preparo intelectual e sua baixa condição financeira, se instalaram nas periferias urbanas, onde as casas e os aluguéis são mais baratos. Para Spósito (2010), o deslocamento muito intenso de pessoas do campo para cidade, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, provocou um crescimento acelerado da população urbana para as cidades dos países em desenvolvimento. Esse crescimento não foi acompanhado da realização da infraestrutura básica.

De acordo com Baltrusis (2010), desde 1950 as principais cidades latino-americanas crescem de maneira dramática. Para o mesmo, se juntarmos a população de quatro dessas mega-cidades (Cidade do México, São Paulo, Buenos Aires e Rio de Janeiro), a população total, que era de 13 milhões em 1950, passou a somar 60 milhões em 1990. Esse crescimento populacional trouxe significativas consequências para essas cidades no que se refere à questão da provisão habitacional. Os assentamentos precários do tipo favela (áreas pobres afastadas do centro da cidade) se consolidaram como uma alternativa, diante da falta de alternativas de moradia para a população de baixa renda nos países pobres.

Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, realizado em 2010, foram identificados no Brasil, 6.329 aglomerados subnormais. Essa pesquisa foi realizada apenas em 323 municípios dos 5.565 existentes. Nessas áreas moram mais de 11

milhões de pessoas, ou seja, o equivalente a 6% da população, sendo que a maioria reside na região Sudeste e a minoria na Centro-Oeste.

Para o mesmo instituto, em 2010, os dez maiores aglomerados subnormais do nosso país estavam distribuídos em sete estados (Amazonas, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo) e no Distrito Federal. A maior periferia urbana do Brasil é a Rocinha, que está localizada no Rio de Janeiro/RJ. Essa área da cidade carioca tem um total de 69.161 mil habitantes. Sua população não é formada apenas por fluminenses, mas também por pessoas de outros estados.

As periferias não são encontradas apenas nas cidades grandes como São Paulo e Rio de Janeiro, mas em cidades médias e pequenas também. Segundo o IBGE (2000), Campina Grande, que é uma das cidades médias do estado da Paraíba, possui 27 aglomerados subnormais. Dentre eles estão Catolé, Centenário, Nova Brasília e Malvinas.

Muitos paraibanos vivem em aglomerados subnormais, seja no nosso estado, seja em outro. A Paraíba está localizada na segunda região brasileira (Nordeste) com o maior número de edifícios particulares nos aglomerados subnormais. De acordo com o IBGE (2010) a maioria da população do nosso estado vive na área urbana, ou seja, 2.839.002 pessoas residem nas cidades e 927.832 na zona rural. Como sabemos as cidades paraibanas, assim como as dos demais estados do Brasil, não conseguem abrigar todos os seus moradores em áreas que não sejam aglomerados subnormais, portanto boa parte dos paraibanos que residem em nossas cidades mora nessas localidades.

Essas áreas no nosso estado segundo o IBGE (2010) apresentam, em relação aos domicílios: uma média de 3,6 pessoas por residência; 95,2% da coleta do lixo é adequada; 63,3% dos esgotos sanitários não prejudica a saúde da população; 98,5% tem abastecimento de água; e 84,6% apresenta energia elétrica adequada. Para o mesmo instituto, o percentual de esgotos apropriados no centro das cidades paraibanas é de 63,3%, o que corresponde a 7,6% a mais que nas periferias pobres.

Esta pesquisa não irá servir apenas para fins acadêmicos, além disso, também irá mostrar aos cidadãos comuns, e também para os políticos, que existem vários motivos que levam as periferias a serem ambientes onde a população menos favorecida sofre com os problemas relacionados à infraestrutura urbana. Esses problemas podem ser minimizados, cabe aos eleitores cobrarem mais dos seus representantes; já estes devem procurar cada vez mais cumprir com o seus deveres que se fundamentam em suprir as necessidades da população.

O tema “As Ruas do Sol e Chã do Cajá enquanto periferia do espaço urbano de Alagoinha/PB: Uma análise da infraestrutura”, tem por justificativa analisar criticamente as condições de vida que a infraestrutura das Ruas do Sol e Chã do Cajá proporciona para sua população. Tais ruas, assim como outras áreas periféricas pobres das cidades brasileiras, apresentam aspectos que retratam, dentro do espaço urbano, a pobreza e a separação de classes. Enquanto os pobres moram em áreas precárias da cidade, a elite vive em locais que têm uma infraestrutura adequada.

A periferia urbana deve ser estudada para: entendermos o porquê de sua existência; compreendermos o modo de vida proporcionado pela mesma a sua população; mostrarmos que os problemas existentes na infraestrutura dessas áreas da cidade têm soluções; expormos que boa parte dos problemas sociais dessas localidades foi proporcionada pela exclusão gerada pelo sistema capitalista.

Uma das maneiras para se compreender o espaço urbano é através de sua divisão em centro e periferia, e no segundo caso observa-se no Brasil que boa parte dos moradores dessas áreas são pessoas pobres. É nas periferias onde podemos visualizar a maioria dos problemas relacionados à infraestrutura urbana. O presente trabalho teve como objetivo geral analisar a área afastada do centro da cidade de Alagoinha-PB, especificamente as Ruas do Sol e Chã do Cajá. Os objetivos específicos foram observar algumas características socioeconômicas da população que reside nessa área; avaliar as condições das moradias; examinar os problemas sociais causados pela falta de infraestrutura; identificar a presença ou ausência de saneamento básico nas duas ruas.

De acordo com as estimativas de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o município de Alagoinha tem uma área territorial que possui uma densidade demográfica de 139,99 hab, por km<sup>2</sup>. Já em todo o território residem 13.577 habitantes, dos quais 9.033 são do perímetro urbano e 4.544 na zona rural. Assim como os demais municípios do nosso estado, Alagoinha também tem a maioria da sua população morando no perímetro urbano. Nas áreas estudadas, de acordo com as agentes de saúde, moram em média 858 pessoas, o que corresponde a 9,49% da população urbana; já em relação à população do município são 6,31%.

Essa pesquisa teve como procedimentos metodológicos, uma análise das discussões apresentadas em livros e artigos de autores como Andrade Filho (2004), Carlos (2009), Corrêa (2008), Gomes (2008), Santos (1988), Souza (2003), Spósito (2001), Tanaka (2006) entre outros, isso para concretização da revisão bibliográfica. Já em campo foi realizada uma visita à UBSF- Dr. Antonio Ciraulo Barroso, para coletar dados sobre a população das Ruas do Sol



e Chã do Cajá; aplicado um questionário com as agentes de saúde, e outro com um dos funcionários do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE); foram feitas entrevistas com alguns dos moradores das ruas estudadas; registros fotográficos; observação do ambiente em que as pessoas dessas ruas vivem para melhor entender os problemas ali existentes.

Nos dias 30 de maio de 2012 e 10 de junho de 2012 foi aplicado, para os agentes de saúde das ruas estudadas, um questionário que buscava informações relacionadas à população e à infraestrutura. Em Maio de 2013 foi aplicado um questionário com um dos funcionários do SAAE, com o propósito de adquirir informações sobre o abastecimento de água. Já nos dias 19 e 25 de Julho de 2013 foram feitas as entrevistas, que tiveram como propósito conhecer um pouco sobre a história da área estudada e também para ver os problemas das ruas a partir do olhar da população residente. Com aplicação dos questionários e das entrevistas foi possível desenvolver o presente trabalho, em que as informações sobre as ruas estudadas não são apenas baseadas no ponto de vista da presente autora.

O método utilizado nesta pesquisa foi à dialética, que segundo Mendonça (1998), é definida como o modo de se pensar as contradições da realidade como essencialmente contraditória e em constante transformação. Este método teve suas origens na Grécia Antiga com Aristóteles e desenvolveu-se através de inúmeros filósofos até aprimorar-se com o movimento iluminista no século XVIII.

Para o autor citado acima, como fruto da ação objetiva do homem emprega-se o método dialético para se analisar o processo evolutivo dos componentes do planeta, naturais e sociais. Este método tem suas próprias leis, uma delas é a lei da quantidade à qualidade. Karl Marx foi um dos grandes teóricos da dialética, fazendo uso da mesma para analisar o desenvolvimento social e a estrutura das classes decorrentes do modo de produção capitalista.

Este estudo apresenta a dialética marxista como uma das abordagens possíveis de interpretação da realidade da infraestrutura das Ruas do Sol e Chã do Cajá. De acordo com Pires (1997), a construção lógica do método materialista histórico que fundamenta o pensamento marxista apresenta-se como possibilidade teórica (instrumento lógico) de interpretação. Este autor também afirma que o método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de encontrar (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos, a saber: no primeiro capítulo será abordada a fundamentação teórica referente à temática, numa discussão em que serão apresentados alguns pensamentos de autores em relação ao que é uma periferia urbana; o

segundo capítulo abordará um pouco sobre a história das ruas e também da cidade de Alagoinha; o terceiro capítulo irá tratar da situação em que se encontra a infraestrutura e as condições socioeconômicas da população das Ruas do Sol e Chã do Cajá.

## CAPITULO 1 – AS PERIFERIAS URBANAS: TEORIAS E SIGNIFICAÇÕES

*A pobreza já não basta  
E o desemprego também  
A discriminação que afasta  
Da sociedade alguém*

*Alguém que vive a vagar  
No anonimato da vida  
Sem ter aonde morar  
Muitas vezes sem comida*

*Sem ter um apoio sequer  
Sendo financeiramente fracos  
Em um lugarzinho qualquer  
Edificam seus barracos [...]*

(Vexação na Periferia- Jocafi)

### 1 AS PERIFERIAS URBANAS: TEORIAS E SIGNIFICAÇÕES

Este capítulo tem o objetivo de apresentar algumas abordagens teóricas e conceituais, bem como algumas significações referentes à temática *periferia urbana*. Veremos também como cada autor tem seu modo particular de se referir ao presente tema.

Afinal, o que é periferia para a Geografia Urbana? São locais dentro do espaço urbano que não se caracterizam como centralidades. É nas periferias onde podemos visualizar a pobreza das nossas cidades e também a desigualdade social existente dentro delas, sejam elas metrópoles, sejam pequenas cidades. Para Tanaka e Pereira (2006), o conceito de periferia nasce associado:

[...] ao conceito de desigualdade, produzidas como resultado da espacialização do conjunto de relações sociais, econômicas e políticas dominantes na sociedade. Nesse sentido, se configura em uma relação a antagonismos sociais, pares de oposição, binariedades: urbano-não-urbano, legal – ilegal, formal-informal, ordem – caos, cidade – não-cidade; centro – periferia; riqueza – pobreza. Pares de oposição com forte relação entre si, quando pela produção social capitalista é a riqueza que produz o exercício industrial de reserva, a espoliação urbana, a periferia; as relações de valorização imobiliária que provoca expulsão da população pobre e produz a periferia. (p.149)

Segundo Ritter e Firkowski (2009), as periferias são caracterizadas cada vez mais por outros contextos, não aqueles mensuráveis simplesmente por quilometragem ou marcação de anéis, coroas ou outro qualquer representativo geométrico— contextos esses alicerçados nas condições e contradições econômico-sociais dos seus moradores – pelas infraestruturas existentes, pelas territorialidades estabelecidas e reestabelecidas, enfim, pelas suas espacialidades. Os mesmos autores citados afirmam que:

As periferias não podem ser concebidas e analisadas mais sob o enfoque geometrificado, deve-se, pela efemeridade e pela dinâmica das forças atuantes, considerar as características socioeconômicas formadoras dessas espacialidades, independentes da localização no tecido urbanizado.

Já Moura e Utamari (1996) *apud* Gomes *et al.* (2008), afirmam que a noção de periferia refere-se a um lugar longe, afastado de algum ponto central. Todavia, esse entendimento meramente geométrico não representa a verdadeira relação entre o centro e a periferia das cidades. Neste caso, os afastamentos não são quantificáveis apenas pelas distâncias físicas que há entre os dois, mas, sim, revelados pelas condições sociais de vida que evidenciam a nítida desigualdade entre os moradores dessas regiões da cidade.

Para Tanaka e Pereira (2006), as periferias urbanas são resultado das desigualdades de condições de infraestrutura e serviços públicos entre partes da cidade onde se concentram riquezas e atividades produtivas e as partes da cidade onde moram os trabalhadores urbanos. É por isso que não podemos apenas considerar como periferia urbana as áreas afastadas do centro geometricamente, e sim em termos de qualidade de vida proporcionado para população.

Geralmente as periferias das nossas cidades são o oposto dos centros. Enquanto o centro tem saneamento básico, a periferia tem esgotos a céu aberto; em um vive a classe média ou rica, no outro vive a classe pobre. Como explicar tanta diferença dentro do espaço urbano? Vários fatores nos levam a compreender que isso ocorre devido ao modelo de sociedade em que estamos inseridos, ou seja, o espaço urbano, enquanto produto do capital, não tem condições de proporcionar para sua população espacialidades dentro de si, onde todos possam desfrutar dos mesmos benefícios. Para Gomes *et al.* (2008) a construção das periferias urbanas:

[...] está subordinada ao processo de acumulação e reprodução do capital. As periferias são determinadas, então, pela lógica do modo de produção e apropriação do espaço urbano, sendo resultado da interação de três

elementos: o capital, o Estado e a força de trabalho. O capital determina o custo do solo, o Estado proporciona (ou não) os serviços, e a força de trabalho é quem vive na periferia. (p.1)

Segundo Spósito (2001), foi aproximadamente em 3500 a.C., na Mesopotâmia, que surgiram as primeiras cidades. Porém foi só após o surgimento do capitalismo que as cidades do mundo, passaram a ter o seu espaço dividido em centro e periferia, ou seja, em localidades dentro das cidades onde mora o pobre e outras onde vive os ricos. Ritter e Firkowski (2009, p. 23), defendem a ideia de que:

[...] ao ser disponibilizada infraestrutura básica, ao se promover uma regularização fundiária, enfim ao se urbanizar áreas tidas como “periféricas”, por motivações diversas, principalmente econômico-políticas, fazem com que elas deixem de ser “periféricas”- ocorre, portanto, um processo de *desperiferização*. É observado também que muitos daqueles que habitavam essas áreas, enquanto “periferia”, deixaram-nas durante o processo de “urbanização-regularização”, passando a ocupar novas áreas, geralmente pelo processo de invasão, pela ilegalidade, reproduzindo nessas as mesmas precariedades socioespaciais daquelas que abandonaram, configurando assim uma *reperiferização*.

Os espaços urbanos que hoje são considerados como periferias, no futuro podem ter outra definição. Isso vai depender do desenvolvimento. Se hoje a periferia oferece uma má qualidade de vida aos seus moradores, que são da classe pobre, no futuro pode ter uma infraestrutura que proporcionará uma boa qualidade de vida aos seus novos moradores, que provavelmente serão da classe rica ou média, e os pobres que ali residiam serão de certa forma obrigados a migrar para outra área periférica da mesma cidade.

Segundo os autores citados acima também pode ocorrer o contrário, ou seja, as áreas que já apresentaram uma boa infraestrutura e que até chegaram a ser centralidades, num tempo passado, podem constituir-se hoje em periferias, por não terem acompanhado as necessidades da modernidade ou por terem sido estrangidas, excluídas pela pós-modernidade, ou então, como exemplo oposto, pode-se encontrar áreas “geometricamente” localizadas nas bordas, nos limites territoriais de um aglomerado urbano, agora não mais enquadradas como periféricas, justificadas pelo fato de fazerem parte de uma arquitetura do grande capital e ação efetiva do Estado, configurando-as como externalidades positivas, de interesse globalizante, seja na forma de um hipermercado, um empreendimento de lazer, um

condomínio horizontal fechado de luxo, entre outras tantas modalidades. Não são periferias e muitas vezes passam a ser novas centralidades.

Tanto as periferias como o centro das cidades são espaços geográficos, portanto estão em constante processo de transformação, por isso que qualquer uma dessas áreas urbanas pode deixar de ter as suas características de origem e com isso a sua denominação pode passar a ser outra. Segundo Santos (1988), a produção de um determinado espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos naturais e artificiais.

### **1.1 Estudar a periferia a partir do conceito de espaço**

De acordo com Corrêa (2008), a geografia enquanto ciência social tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana, modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.

Por meio do conceito de espaço os geógrafos podem estudar a periferia de uma determinada cidade, pois essa categoria nos possibilita analisar a relação do homem com o meio em que vivem. Podemos afirmar que a periferia é um espaço geográfico, pois a mesma é habitada e transformada pelos homens que a habitam. Para Milton Santos (1988, p.10), o espaço:

[...] não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. Não é o espaço, portando, como nas definições clássicas de geografia, o resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta, nem sequer uma amálgama formada pela sociedade de hoje e o meio ambiente. O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As forma, pois têm um papel na realização social.

Nas periferias podemos encontrar objetos geográficos, naturais e sociais. Como vimos há pouco na citação de Santos (1988), o mesmo afirma que esses elementos fazem

parte do conjunto indissociável que compõe o espaço. Portanto as periferias enquanto espaço devem ser estudadas em uma perspectiva que abranja todos os elementos do espaço.

Para Corrêa (2008), a expressão *espaço geográfico* ou simplesmente *espaço*, por outro lado, aparece como vaga, ora estando associada a uma porção específica da superfície da terra identificada, seja pela natureza, seja por um modo particular como o homem ali imprimiu as suas marcas, seja com referência à simples localização. O mesmo afirma que ocasionalmente a palavra espaço tem o seu uso associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global, continental, regional, da cidade, do bairro, da rua, da casa e de um cômodo no seu interior.

De acordo com Maricato (1979) *apud* Tanaka e Pereira (2006), a periferia é entendida também como uma forma de proletarização do espaço urbano e, portanto, é definida pela autora como espaço da residência da classe trabalhadora ou das camadas populares, espaço que se estende por vastas áreas ocupadas por pequenos lotes, longe dos centros de comércio ou negócio, sem equipamento ou infraestrutura urbanos, em que o comércio e os serviços particulares também são insignificantes enquanto forma de uso do solo.

## 1.2 Segregação do espaço urbano

Segundo Souza (2003), o fenômeno da segregação residencial pode ser observado nas cidades desde a antiguidade. Para o mesmo sempre existiram grupos que, devido a sua etnia ou outro fator, eram forçados a viverem em áreas (menos atraentes e bonitas, menos dotadas de infraestrutura, mais insalubres etc.), sendo, na prática ou até formalmente, excluídos dos espaços reservados para as classes e grupos dominantes da sociedade.

Moreira Junior (2010), afirma que a segregação se dá, portanto, como decorrência das condições econômicas e sociais, expressão da organização social e da produção desigual do espaço urbano, que se acentua pelo processo de (re) estruturação do espaço intraurbano, no qual verifica-se a expulsão dos pobres e a redistribuição dos ricos, por meio de uma dinâmica imobiliária dilaceradora, marcada pela segregação induzida e pela autosegregação urbana. O autor ainda afirma que os atores sociais responsáveis pela produção do espaço urbano é que vão:

[...] fragmentar, segregar e excluir a população e os espaços. O modo como o espaço é produzido de forma desigual e seguindo interesses do capital dá origem a uma cidade partida, concretização de um espaço dilacerado em

suas diversas escalas. No espaço urbano, a dilaceração do espaço se configura, principalmente, pelo caráter segregado e segregador do espaço, onde temos os pobres convivendo entre si em bairros carentes, cortiços e/ou favelas, ao mesmo tempo em que temos os ricos convivendo com seus semelhantes nos condomínios de alto padrão (MOREIRA JUNIOR, 2010, p.136).

A segregação induzida que ocorre no espaço urbano dá origem a localidades carentes, como é o caso das periferias. Para Lima (2010), a precariedade infraestrutural, o tratamento excludente dispensado pelo Estado e a incidência de estigmas e preconceitos são os principais problemas que repercutem negativamente sobre os espaços segregados. Souza (2003, p. 70) evidencia que:

[...] no caso da segregação induzida, as pessoas não “escolhem” viver aqui e não ali, sendo forçadas a isso. Mesmo quando, no decorrer de gerações, se percebe que os membros de determinados grupos (especialmente no caso de minorias étnicas) como que relutam, muitas vezes, em abandonar o gueto ou equivalente, se aventurando a morar em outras partes da cidade, mesmo tendo condições econômicas para isso, tal fato não deve ser confundido com uma “escolha”: afinal, é o medo de ser hostilizado ou de se sentir só (e, se é difícil ser minoria em grupo, o é muito mais quando se está sozinho) que influencia a decisão. Isso poderia, à primeira vista, ser interpretado como uma espécie de auto-reprodução da segregação, mas o fato é que é a persistência de certos preconceitos ou ódios, disseminados no interior da sociedade, que dificulta a mobilidade espacial dos membros de grupos minoritários, mesmo quando alguns deles alcançam um poder aquisitivo suficiente para residir em áreas de mais alto *status*.

De acordo com Lago (2000) *apud* Gomes *et al.* (2008), o termo periferização refere “a um processo de segregação e diferenciação social no espaço urbano, que tem causas econômicas, políticas e culturais”. É na segregação urbana ou segregação espacial que se dá a produção de áreas carentes – periferias, áreas deterioradas centrais, cortiço – e que se contrapõem aos bairros nobres e bem servidos (GOMES *et al.*, 2008, p. 3).

Para Souza (2003), em uma cidade capitalista, no entanto, especialmente se situada em um país subdesenvolvido, o quadro é muito diverso: a segregação está entrelaçada com disparidades estruturais na distribuição da riqueza socialmente gerada e do poder. O mesmo afirma que a segregação deriva de desigualdades e, ao mesmo tempo, retroalimenta desigualdades (*retroalimentação positiva*), ao condicionar a perpetuação de preconceitos e a existência de intolerância e conflitos.

Moreira Junior (2010) afirma que há segregação urbana em cidades pequenas no cenário atual, considerando que a problemática socioespacial destas cidades é alarmante, dado



que as áreas pobres dessas cidades são muito amplas, em percentuais que ultrapassam em muito os grandes centros urbanos, comparando-os com suas extensões territoriais e populacionais.

O espaço urbano de Alagoinha vem se segregando desde a sua origem e com isso surgiram espacialidades que podemos denominar de periferia, isto é, o caso das Ruas do Sol e Chã do Cajá. Em campo, podemos constatar tudo aquilo que os autores supracitados mencionaram apresentado num espaço segregado. Nessas ruas podemos enxergar o quanto tal área é diferente do centro, tanto em aspectos socioeconômicos como em aspectos relacionado à infraestrutura.

## CAPÍTULO 2 – HISTORICIDADE E EVOLUÇÃO URBANA DAS RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ NA CIDADE DE ALAGOINHA - PB

*Alagoinha construída por amor  
Por seus filhos heroicos  
De grandes valores  
Foi povoada e vila  
No anoitecer  
Ela nasce cidade  
No amanhecer*

*De Guarabira ela  
Independente foi  
Em cinquenta e três  
Era serra do boi  
Patentes coronéis  
Surgindo neste torrão  
A criação da cidade  
É do bel Geraldo Beltrão*

*Emanada na luz do saber  
De paisagens tão lindas  
Nos faz enaltecer  
Seus céus da cor de anil  
Ela é da Paraíba  
Num cantinho do Brasil*

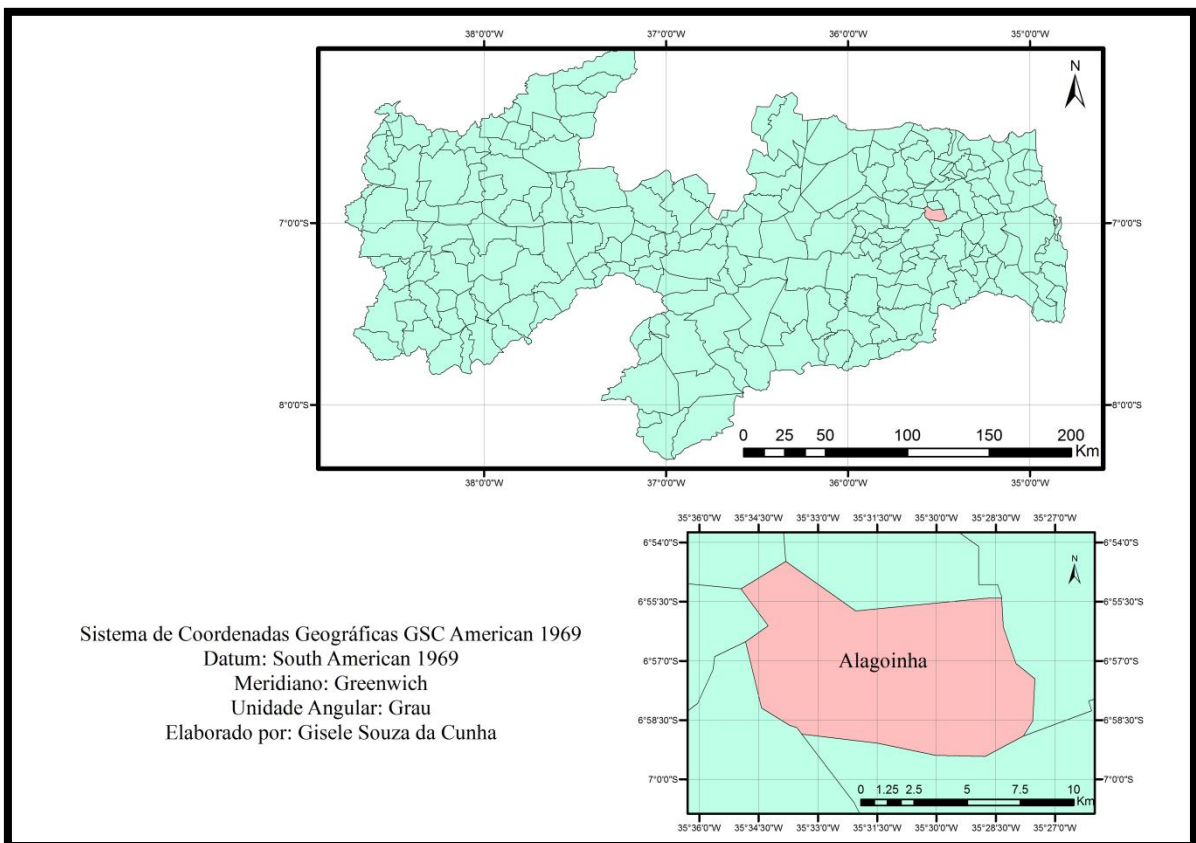
(Hino de Alagoinha - Severino Nunes da Silva).

### 2 HISTORICIDADE E EVOLUÇÃO URBANA DAS RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ NA CIDADE DE ALAGOINHA – PB

Neste capítulo primeiramente localizaremos nossa área de estudo, que são as Ruas do Sol e Chã do Cajá, na cidade de Alagoinha-PB, e faremos uma breve caracterização da cidade. Posteriormente, resgataremos a historicidade das ruas estudadas e da cidade de Alagoinha, para compreender a importância destas ruas para a cidade, quando tentaremos remontar os processos históricos das ruas e da cidade desde a sua provável origem.

## 2.1 Localização das Ruas do Sol e Chã do Cajá e do Município de Alagoinha

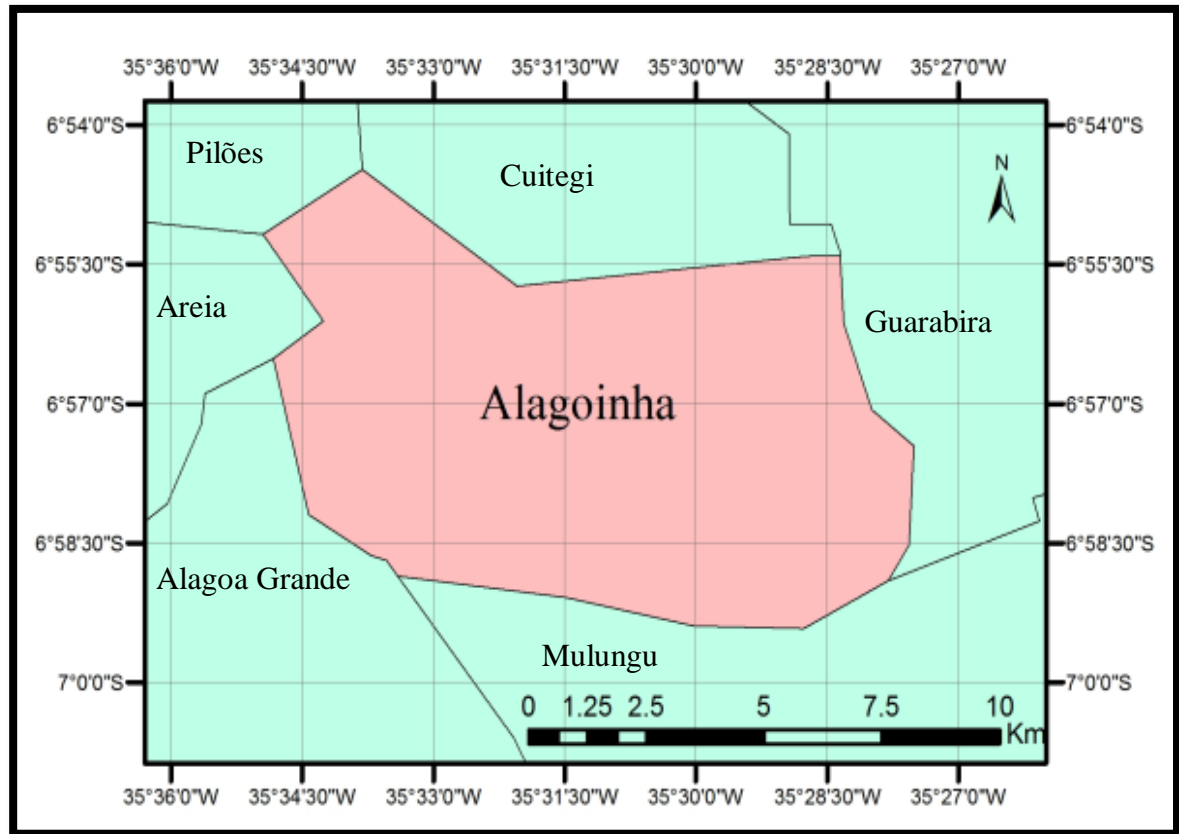
As Ruas do Sol e Chã do Cajá se configuram como áreas periféricas da cidade de Alagoinha-PB, que se situa na Mesorregião do Agreste paraibano, mais precisamente na Microrregião de Guarabira/PB, a 84 km de João Pessoa. No Mapa 1 pode ser observado a localização do município de Alagoinha no território paraibano:



**Mapa 1 - Localização do município de Alagoinha-PB**

Fonte: Elaborado por Gisele Souza da Cunha, 2013.

O município de Alagoinha limita-se ao Norte com Cuitegi, ao Sul com Alagoa Grande e Mulungu, ao Leste com Mulungu e Guarabira e a Oeste com Pilões, Areia e Alagoa Grande. A cidade é interligada aos municípios de Guarabira, Cuitegi e Alagoa Grande pela rodovia Margarida Maria Alves (PB-075), e a Mulungu pela rodovia (PB-063). Já o acesso a Pilões é feito via Cuitegi; e a Areia, via Alagoa Grande. Na figura 1 podemos observar os limites territoriais do município de Alagoinha:



**Figura 1 - Os limites Territoriais do Município de Alagoinha-PB**

**Fonte:** Elaborado por Gisele Souza da Cunha, 2013, adaptada pela autora 2013.

As Ruas do Sol e Chã do Cajá até 2012 eram as principais vias de acesso a uma parte da Zona Rural do município (aos sítios Cajá, Jenipapo, Barro, Mumbuca, etc.) e à cidade de Mulungu, porém, após o término da construção da pista que liga Alagoinha-Mulungu, o principal acesso a essas localidades é por trás das ruas estudadas. Observe nas figuras 2 e 3 uma visão parcial das ruas:



**Figura 2 - Visão parcial da Rua do Sol**

Fonte: Fotografia realizada pela autora em 25 de julho de 2013

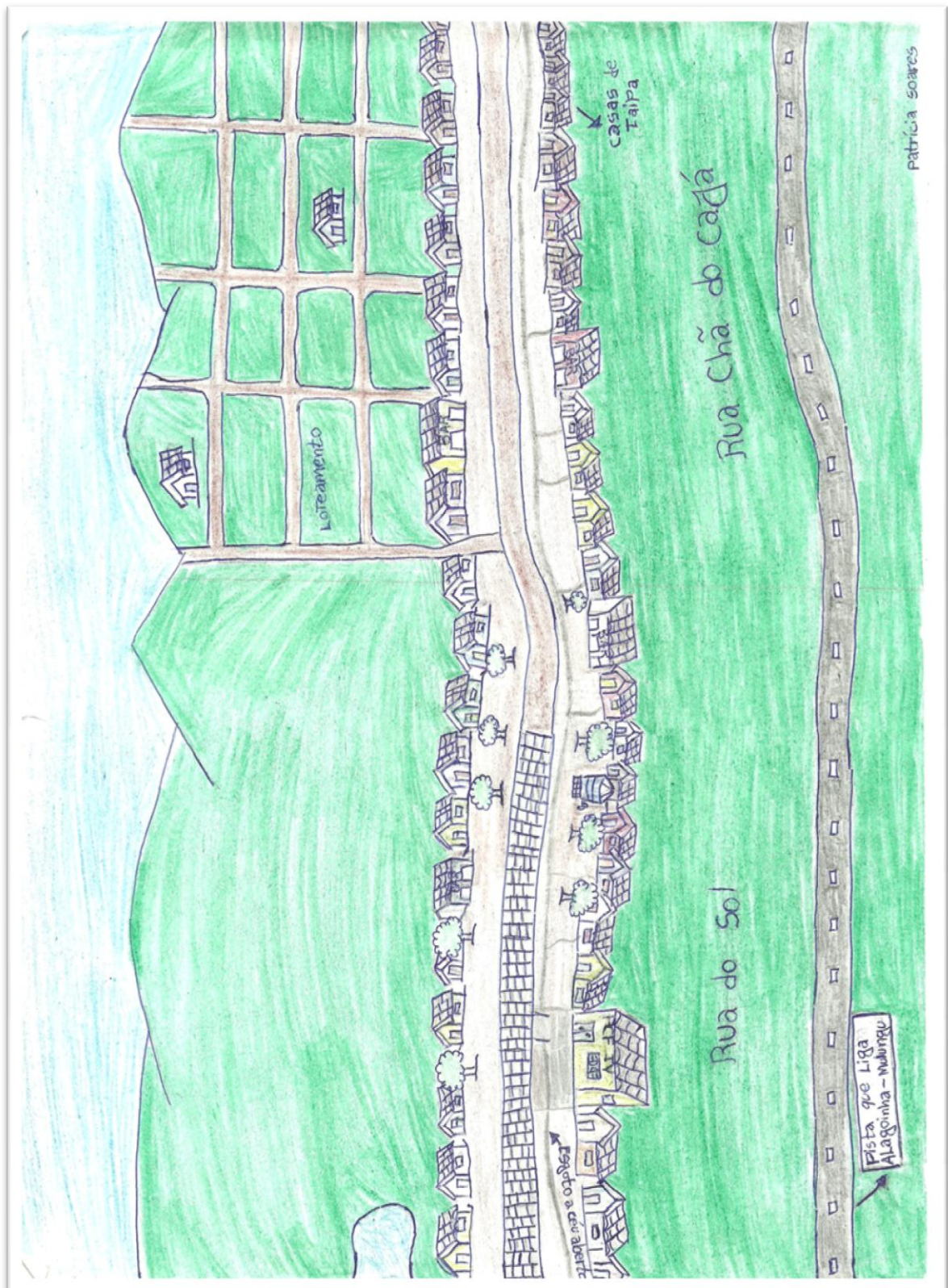


**Figura 3 - Visão parcial da Rua Chã do Cajá**

Fonte: Fotografia realizada pela autora em 25 de julho de 2013

A área estudada é composta pelas Ruas do Sol e Chã do Cajá. Essas localidades ficam afastadas do centro da cidade de Alagoinha. Como podemos ver nas figuras 2 e 3, a Rua Chã do Cajá é mais precária do que a Rua do Sol, ambas têm algumas características que fazem lembrar a zona rural, como roçado próximo às residências e também a criação de animais. Segundo Moreira Junior (2009), a morfologia das cidades pequenas é marcada pelo leve contraste urbano-rural e traz na configuração urbana muito daquilo que nega o caráter urbano desses espaços. Na figura 4 podemos observar um croqui que retrata como está organizado o espaço geográfico da área estudada:





**Figura 4 - Organização do espaço geográfico das Ruas do Sol e Chã do Cajá**  
 Fonte: Croqui elaborado pela autora, 2013.

Nas figuras 2,3 e 4 podemos ver como se encontra o espaço geográfico das Ruas do Sol e Chã do Cajá. Essa espacialidade da cidade, mesmo com mais de 50 anos de existência, ainda apresenta inúmeros problemas em sua infraestrutura. Podemos visualizar isso no croqui acima, em que pode ser visto a existência de esgoto a céu aberto, falta de calçamento, etc.

## **2.2 Historicidade das Ruas do Sol e Chã do Cajá, e da Cidade de Alagoinha**

Devido à falta de referências bibliográficas sobre a história de Alagoinha, o levantamento histórico feito no presente trabalho sobre a mesma será com base em um único autor, que é Eginaldes de Andrade Filho. Já sobre as Ruas do Sol e Chã do Cajá teremos como base a pesquisa de campo.

### **2.2.1 Acidade de Alagoinha**

O local onde hoje se localiza o município de Alagoinha ao longo do tempo já passou por varias transformações, principalmente as relacionadas à sociedade. Antes de ser considerado como um dos municípios do estado da Paraíba foi um povoado, uma vila e distrito de Guarabira. Essa localidade, ao longo de sua história, nem sempre foi chamada pelo nome atual, uma vez que também foi denominada de outras formas, como Tauatuba e Alagoinha Serra do Boi.

Em relação à data do início do povoamento, e de quem foram os primeiros habitantes do território de Alagoinha, não há uma versão precisa, pois existem duas versões que abordam esse acontecimento, são as seguintes:

A primeira diz que a antiga povoação possuía uma lagoa à margem de uma estrada por onde passavam feirantes que se destinavam a Mamanguape. Por volta de 1864 duas mulheres residiam perto da pequena lagoa e viam ali passarem muitos comerciantes ambulantes e tropeiros que mascateavam em várias feiras da região. Devido a esse movimento pensaram e logo executaram a construção de uma casa de taipa que foi construída em um dia e uma noite, e passou a servir de estalagem e de parada obrigatória para esses comerciantes que vinham cansados de suas longas viagens pela região da antiga Copaoba, como também para o descanso dos animais (ANDRADE FILHO, 2004, p. 49).

Para Coriolano de Medeiros, o povoado de Alagoinha foi fundado em 1870 por Luiz Honorato que foi também seu primeiro habitante. Luiz Honorato construiu, nas mesmas imediações descritas na primeira versão, uma residência e um estabelecimento comercial com o intuito de comercializar justamente porque naquele local, que era também às margens da pequena lagoa, era ponto de passagem de tropeiros e viajantes que podiam parar no seu estabelecimento para descansar e se alimentar (MEDEIROS, 1950 *apud* ANDRADE FILHO, 2004, p. 51).

De acordo com Andrade Filho (2004), após a fundação do povoado que ocorreu no final do século XIX, Alagoinha foi se desenvolvendo e se estruturando principalmente através da construção de várias casas, tanto residenciais quanto comerciais, como também a chegada de outros serviços que proporcionaram à população melhores condições de vida e, conseqüentemente, foi permitido ao pequeno povoado em 1921 a criação do Distrito de Paz de Alagoinha, que pertencia ao município de Guarabira até 1938.

Para o mesmo autor, vários benefícios foram implantados no Distrito de Paz de Alagoinha, como a iluminação a gás através do motor, a construção do Mercado Público, a perfuração de poços e a construção da estrada que ligava Alagoa Grande à Guarabira, passando por Alagoinha. O primeiro líder político e responsável por essas obras foi Alfredo Moura. Veja o mesmo na figura 5:



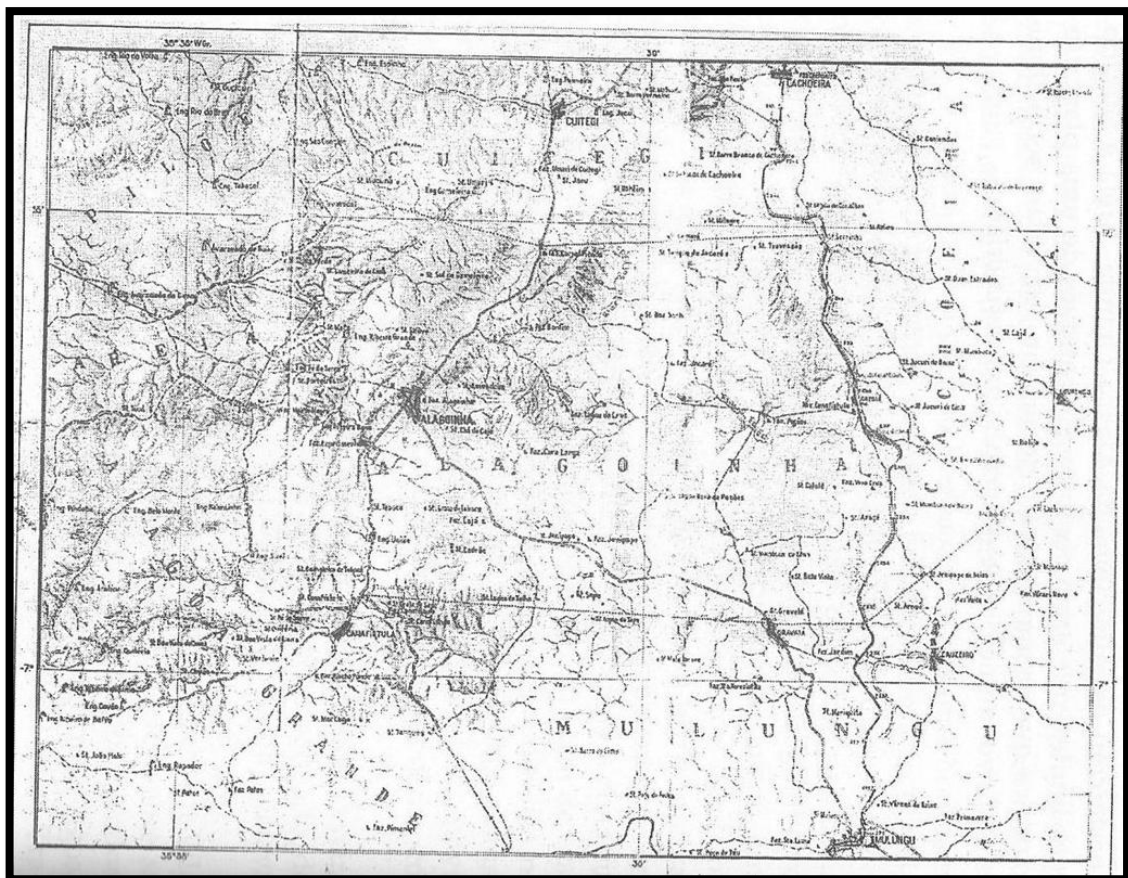
**Figura 5 - Alfredo Moura primeiro líder político**  
Fonte: Andrade Filho, 2004.



Andrade Filho (2004) diz que a partir de 1938 Alagoinha não era mais distrito, e sim uma vila. Foi neste momento de sua história que no dia 31 de dezembro de 1943 a então Vila de Alagoinha teve seu nome trocado para Tauatuba. Porém, em 1948 voltou a ser chamada pelo seu nome anterior.

Foi por causa do desenvolvimento e da estrutura urbana que a vila de Alagoinha apresentava que no dia 2 de dezembro de 1953 a cidade passou a ser um dos municípios do Brasil. Devido a um equívoco da época, não comemora-se a sua emancipação no dia 2 de dezembro, mas no dia 3.

Ainda segundo Andrade Filho, nesta época o território do município estudado limitava-se com o distrito municipal de Cuitegi (município de Guarabira); ao sul com o distrito municipal de Mulungu (Camarazal); a leste com o distrito de Cachoeiras, ambos pertencentes à Guarabira; e, por fim, a oeste com os municípios de Alagoa Grande, Areia e Serraria. Observe na figura 6 o território de Alagoinha e seus limites na época de sua emancipação:



**Figura 6 - Território de Alagoinha na época da emancipação política**

Fonte: Andrade Filho, 2004.

Em 1953 o Brasil não ganhou apenas um novo município, mas também uma cidade. Segundo Monte-Mor (2006), no nosso país as cidades são definidas pelos perímetros das sedes municipais, e territórios e populações consideradas urbanizadas incluem os perímetros das vilas, sedes dos distritos municipais. No Brasil não é levado em conta o número de habitantes, como em outros países, para determinar se uma localidade é uma cidade. De acordo com Locatelli (2010), no Japão, por exemplo, para que uma área seja considerada urbana tem que ter no mínimo 30 mil habitantes.

### 2.2.2 As Ruas do Sol e Chã do Cajá

Na pesquisa de campo buscamos saber por que a Rua do Sol era chamada de Rua da Coreia na década de 60, porém os moradores não sabem a origem desse nome. Até hoje muitos alagoanhenses conhecem a mesma por Coria.

Em 1964 a infraestrutura da Rua do Sol apresentava-se da seguinte forma: todas as residências tinham suas paredes feitas de taipa e o telhado era de folha de coqueiro, apenas uma das casas era coberta de telha. Não tinha energia elétrica; não havia água encanada e devido a isso as pessoas lavavam roupa no rio Tauá, e a água utilizada para tarefas doméstica e para consumo era de açudes que ficavam próximos a essa rua. E também não existia calçamento, só em 2000 foi calçada uma parte desta.

Na década de 70 foi encanada água para Rua do Sol, sendo primeiro construído um chafariz e só depois feita a encanação para todas as residências dessa rua. Segundo Andrade Filho (2004), em 1977 ocorreu a instalação da luz elétrica na Rua do Sol.

Já na Rua Chã do Cajá em 1984 existiam poucas residências de taipa e cobertas de telha. Não havia água encanada. E, assim como hoje, boa parte da população era desempregada.

Segundo Andrade Filho (2004), ainda na década de 80 foi construída uma escola na Rua do Sol. Nela havia até o 5º ano do ensino fundamental e seu corpo discente era formado por alunos que residiam nas Ruas do Sol e Chã do Cajá. A mesma foi demolida em 2012, para que no local fosse construída uma UBSF (Unidade Básica de Saúde da Família), que se chama Dr. Antônio Ciraulo Barros. A mesma atende a população desta rua e de outras localidades como a Rua Chã do Cajá e o Sítio Jenipapo.

Até o ano de 2001 esta rua não tinha um posto de saúde. Logo quando foi implantado PSF (Posto de Saúde da Família) nessa área, o mesmo funcionou durante muitos anos em casas alugadas. Hoje a sua sede pertence ao poder público e não se chama mais PSF, e sim UBSF.

Foi apresentado, de forma bem resumida neste subtítulo, como era a infraestrutura da Rua do Sol e Chã do Cajá no passado. No próximo capítulo iremos ver como se encontra atualmente a infraestrutura dessas ruas.

### **CAPÍTULO 3 – AS RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ EM ALAGOINHA-PB: PRECARIEDADE DA INFRAESTRUTURA DA PERIFERIA URBANA**

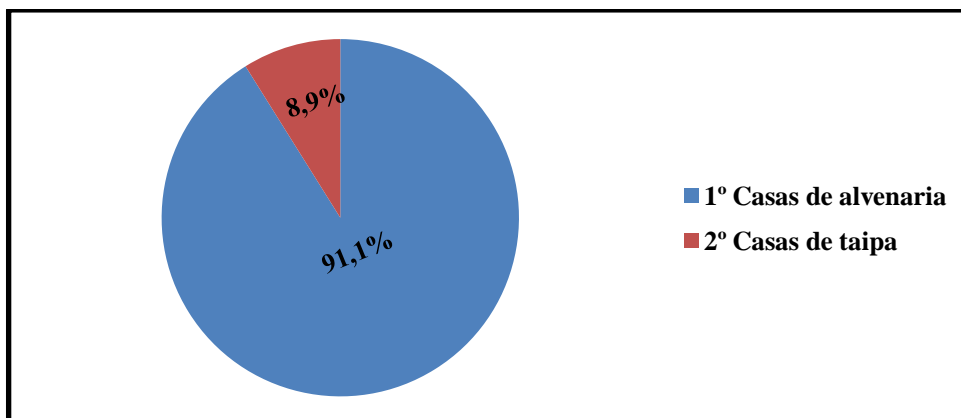
#### **3 AS RUAS DO SOL E CHÃ DO CAJÁ EM ALAGOINHA-PB: PRECARIEDADE DA INFRAESTRUTURA URBANA**

Nas cidades pequenas existem vários problemas em relação ao atendimento da população em infraestrutura urbana: luz, água, esgoto e pavimentação. Tanto nas grandes cidades quanto nas pequenas esses problemas são bem difíceis de ser resolvidos. E nas áreas que não se caracterizam como centralidades do espaço urbano onde esses problemas são mais visíveis. Podemos observar isto nas Ruas do Sol e Chã do Cajá, localizadas no município de Alagoinha-PB. Em ambas as ruas as crianças brincam em meio ao esgoto a céu aberto. Na Rua Chã do Cajá não há calçamento, e muitas de suas casas são pequenas e de taipa. De acordo com o IBGE (2000), a incidência de pobreza no município de Alagoinha é de 61,18%.

#### **3.1 Moradia**

De acordo com Carlos (2009), por volta de 9000 a.C. o homem torna-se mais sedentário, e com isso troca as barracas por casas de barro. Como podemos ver, a casa de taipa é um modo de construção bem antigo. Esse tipo de moradia existe nas ruas do Sol e Chã do Cajá não pelo fato de serem monumentos históricos, mas sim por serem mais baratas do que as residências de alvenaria.

A Rua do Sol tem 187 residências e a Rua Chã do Cajá tem 119 residências. Ambas as ruas, em pleno século XXI, ainda apresentam casas de taipa. As duas ruas possuem em média 306 residências, sendo que 27 delas são de taipa e 279 de alvenaria, ou seja, aproximadamente 8,9% dessas casas são de taipa e 91,1% são de alvenaria. No Gráfico 1 pode ser visualizada melhor a distribuição de casas de alvenaria e de taipa.



**Gráfico 1 - Distribuição de casas de alvenaria e de taipa na área estudada**

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Boa parte das casas de taipa encontradas nas ruas estudadas está em péssimo estado de conservação. Algumas têm o piso feito de barro batido, paredes inacabadas, e por estes motivos não oferecem conforto para os seus moradores. Como podemos ver na figura 7, esse tipo de casa tem suas paredes feitas de barro com estacas e varas.



**Figura 7 - Casas de taipa na Rua Chã do Cajá**

Fonte: Fotografia realizada pela autora em 26 de setembro de 2012.

As casas de taipas existentes nessas ruas são um dos elementos que retrata o estado de pobreza dos seus moradores. Na área estudada as residências de taipa custam em média 3.000 reais, já as de alvenaria variam entre 10.000 e 15.200 reais. No centro da cidade uma

residência de alvenaria custa entre 70.000 a 100.000 reais. São alguns fatores que determinam a formação do preço de uma residência ou terreno:

[...] vinculam-se principalmente á inserção de determinada parcela no espaço urbano global, tendo como ponto de partida a localização do terreno (por exemplo, no bairro), acesso aos lugares ditos privilegiados (escolas, shopping, centros de saúde, de serviços, lazer, áreas verdes, etc.), à infraestrutura (água, luz, esgoto, asfalto, telefone, vias de circulação, transporte), à privacidade; e, secundariamente, os fatores vinculados ao relevo que se refletem nas possibilidades e custos da construção. Finalmente, um fato importante: o processo de valorização espacial (CARLOS, 2009, p.48).

Morar nas periferias pobres é a única opção que a maioria das pessoas de baixa renda encontra pra ter um lugar para morar nas cidades, pois nas outras áreas os terrenos, as casas e os aluguéis não são acessíveis a essa parte da população. Para Gomes *et al.* (2008, p. 4), o capital atribui valor ao solo, com isso:

[...] cada indivíduo vai morar onde sua renda permite. Para os mais pobres quase sempre restam apenas locais distantes do centro, ou seja, a periferia carente em infraestrutura ou áreas deterioradas e abandonadas da cidade. O Estado não instala os serviços e equipamentos urbanos, devido ao fato de atuar de acordo com os interesses do capital, ou pela falta de recursos para estender os serviços para os locais distantes, uma vez que essa distância física encarece os custos de sua atuação.

Nas periferias muitas vezes vivem mais de uma família em uma mesma residência pequena e em péssimo estado de conservação. Isso ocorre devido à falta de condições de algumas famílias para obter um local para morar. Estima-se que o déficit de moradias no Brasil seja de dez milhões de unidades, o que corresponde a 10% do déficit mundial (RODRIGUES, 2003). Na Rua do Sol, em uma determinada casa, vivem 16 pessoas, isso foge do padrão de pessoas por residência que julgamos ser o normal. Esse número é o máximo, já o mínimo é de 02 indivíduos por casa.

De acordo com George (1983), as construções das periferias são feitas com materiais obtidos ao acaso. Se essas casas fossem construídas no campo não apresentaria os aspectos tristes e os riscos de insalubridade existentes nos aglomerados subnormais. Essas áreas têm um amontoado de moradias rudimentares em que várias pessoas vivem num mesmo cômodo. Há a promiscuidade de milhares de pessoas, que vivem no meio das nuvens de pernilongos e moscas, dos maus cheiros de depósitos de lixo.

### 3.1.1 A ação do governo para resolver os problemas do déficit habitacional

Segundo Souza (2003), déficit habitacional consiste na quantidade de moradias condizentes com a dignidade humana (ou seja: área compatível, materiais de qualidade pelo menos razoáveis, localização em área saneada e dotada de infraestrutura e boa acessibilidade) que se fazem necessárias para substituir as habitações inadequadas, podendo-se entender tanto as moradias precárias como, também, as moradias muito antigas.

As Ruas do Sol e Chã do Cajá são áreas do espaço urbano de Alagoinha onde o déficit habitacional pode ser percebido em uma escala bem maior do que em outras áreas da cidade. Isso porque estas ruas possuem tudo o que Souza mencionou na citação acima como definição para déficit habitacional.

Em ambas as ruas podemos observar a existência de várias casas que foram construídas por meio de programas governamentais. Se não fossem esses programas o número de casas de taipa nessa área da cidade seria bem maior, porém o poder público deve investir mais em programas habitacionais para que possamos ver no espaço urbano residências de boa qualidade para todos. Essas casas construídas por meio de programas governamentais são de fácil identificação, pois têm um modelo específico. Na figura 8 observe uma dessas residências que foram construídas pelo poder público:



**Figura 8 - Casa construída por programa governamental na Rua Chã do Cajá.**

Fonte: Fotografia realizada pela autora em 11 de junho de 2012.

### 3.1.2 O sistema capitalista contribui para a existência de moradias precárias no espaço urbano

Devido ao sistema capitalista temos que pagar por quase tudo que consumimos. A residência é um dos produtos que o homem é obrigado a comprar. Devido a isso temos a casa que a nossa renda pode pagar e manter. O que quisemos dizer com *manter* foi o seguinte: as residências, com o passar do tempo, vão se deteriorando, e o seu dono além do dinheiro que pagou pela sua compra ou construção também tem que pagar pela sua reforma.

Esse sistema dita a regra de que os produtos mais caros são os melhores, já os piores são mais baratos. Com isso podemos visualizar, seja no campo, seja no espaço urbano, que boa parte das pessoas mais pobres mora em residências deterioradas, pequenas e em áreas desvalorizadas.

O preço de uma residência é determinado pelo valor: do solo, da matéria prima, da mão-de-obra, etc. E principalmente pela infraestrutura da rua onde esta localizada. As casas do espaço urbano têm uma diferença das residências do campo, pois elas, com o passar do tempo, podem se valorizar ou desvalorizar. Isso vai depender da sua localização e da qualidade de vida que a mesma proporciona aos seus moradores.

No campo ocorre a detenção de terra na mão de poucos. Já na cidade ocorre em relação às residências, pois enquanto uma pessoa tem mais de uma casa, outras não podem sequer alugar uma. Essa desigualdade gerada pelo sistema capitalista resulta na existência de sem-terra no campo, e de sem-teto na cidade. Segundo Carlos (2007) o modo como a sociedade vive hoje é determinado pelo modo como o capital se reproduz, em seu estágio de desenvolvimento.

## 3.2 Saneamento básico

Para Spósito (2010), podemos definir saneamento básico como os elementos da infraestrutura de uma cidade necessários para a manutenção de boas condições para saúde pública. Os recursos mais conhecidos são as redes de água e esgoto. Nos próximos subtítulos será mostrado como é o saneamento básico nas Ruas do Sol e Chã do Cajá.

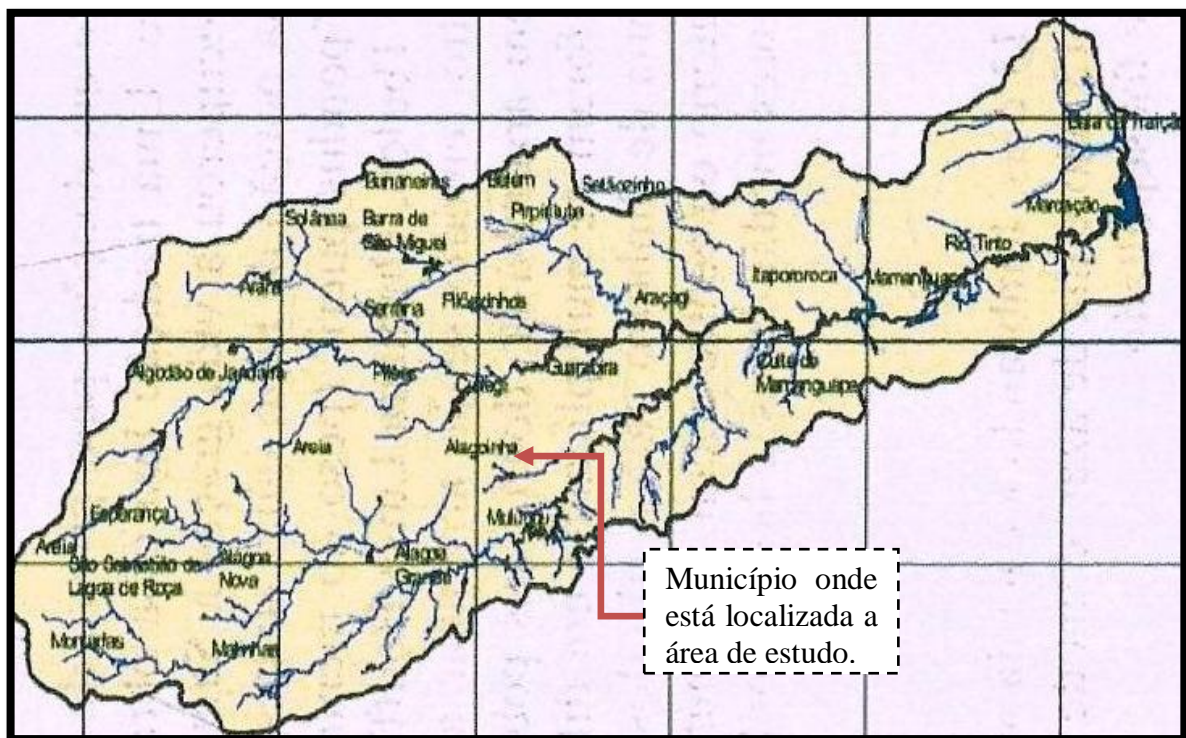
De acordo com Saiani (2007), o déficit no saneamento básico das regiões Norte e Nordeste é superior às demais regiões do nosso país, isso está associado ao perfil de renda dos consumidores dessas regiões. De acordo com o censo demográfico de 2008 do IBGE, dos 223



municípios da Paraíba, 212 tinham rede geral de distribuição de água, 163 rede coletora de esgoto e todos já tinham um manejo dos resíduos sólidos.

### 3.2.1 Abastecimento de água

De acordo com a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais - CPRM - (2005), o município de Alagoinha encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Mamanguape, observe na figura 9. Seus principais afluentes são os riachos: Mumbuca e Poções. O principal reservatório de acumulação é a barragem do Tauá. Os principais cursos d'água do município têm regime de escoamento intermitente, e o padrão de drenagem é o dendrítico.



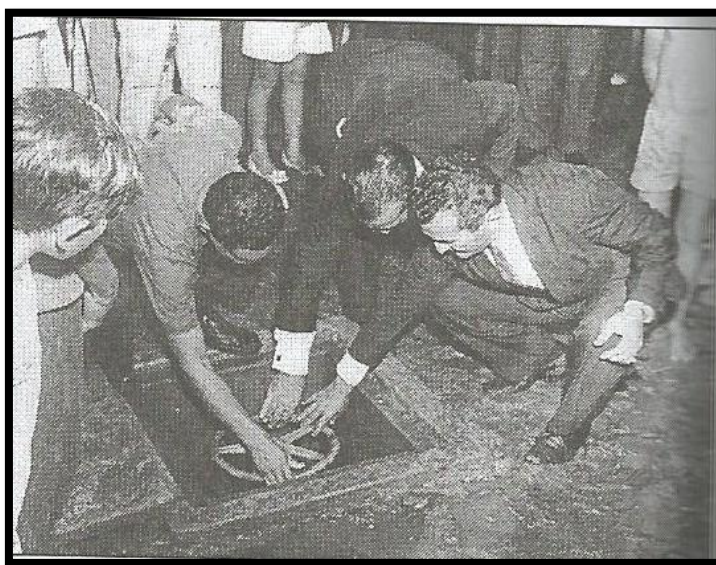
**Figura 9 - Bacia Hidrográfica do Rio Mamanguape**

Fonte: Barbosa, 2006, p.25 adaptada pela autora, 2013

De acordo com Andrade Filho (2004), bem antes de Alagoinha ser cidade, por volta do ano de 1887, o presidente da Província da Paraíba, Francisco Paulo de Oliveira Borges,

mandou construir um açude nas proximidades do povoado destinado ao abastecimento da população residente.

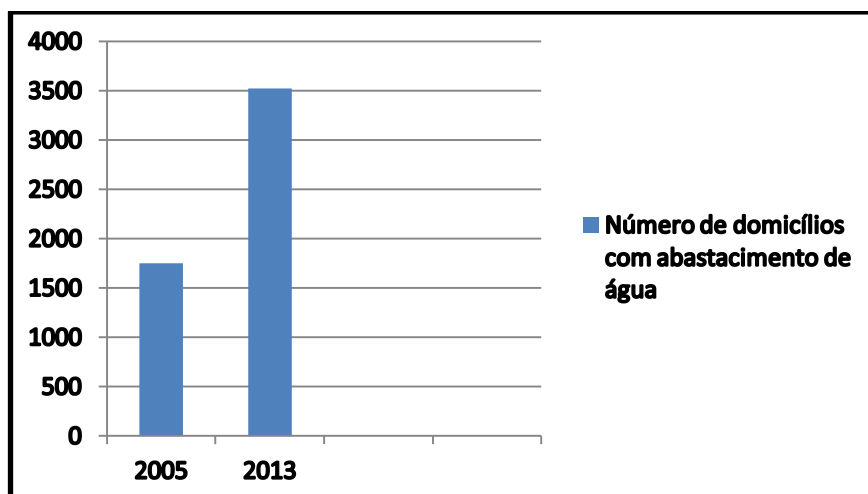
Água encanada e tratada é um elemento que não pode faltar para a população, seja ela residente no centro, seja na periferia de uma cidade. Segundo Andrade (2004), na década de 50 teve início a obra de implantação do sistema de abastecimento d'água, que só foi concluída em 1967 – na figura 10 podemos observar a inauguração desta obra. O mesmo diz que foi uma obra lenta e muito cara, feita pela fundação SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), uma vez que a tubulação que levaria água para a cidade tinha que passar pela região de Belo Monte e Pé de Serra.



**Figura 10 - Inauguração do abastecimento d'água em 1967**

Fonte: Andrade, 2004.

Em 2005, de acordo com a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), Alagoinha tinha 1.750 domicílios particulares permanentes com abastecimento ligado à rede geral de água. Já atualmente, de acordo com dados fornecidos pelo SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto), são 3.519, sendo 2.423 no perímetro urbano e na zona rural 1.096, incluindo o Distrito de Canafístula que pertence ao município de Alagoa Grande-PB. Na área estudada são 306 domicílios, estando 187 na Rua do Sol e 119 na Rua Chã do Cajá. No Gráfico 2 pode ser visto como se deu o aumento no número de domicílios com abastecimento de água no período 2005-2013 em todo o município:



**Gráfico 2 - Domicílios com abastecimento de água no município de Alagoinha no ano de 2005 e 2013**

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Pelo fato de a barragem que abastece a cidade ser pequena no período do verão, a população sofre com racionamento de água. Nesta estação do ano a população além de utilizar água da barragem, também utiliza de alguns poços que existem na área urbana. Segundo a CPRM (2005), nas Ruas do Sol e Chã do Cajá podemos encontrar dois desses poços, porém a população não usufrui deles.

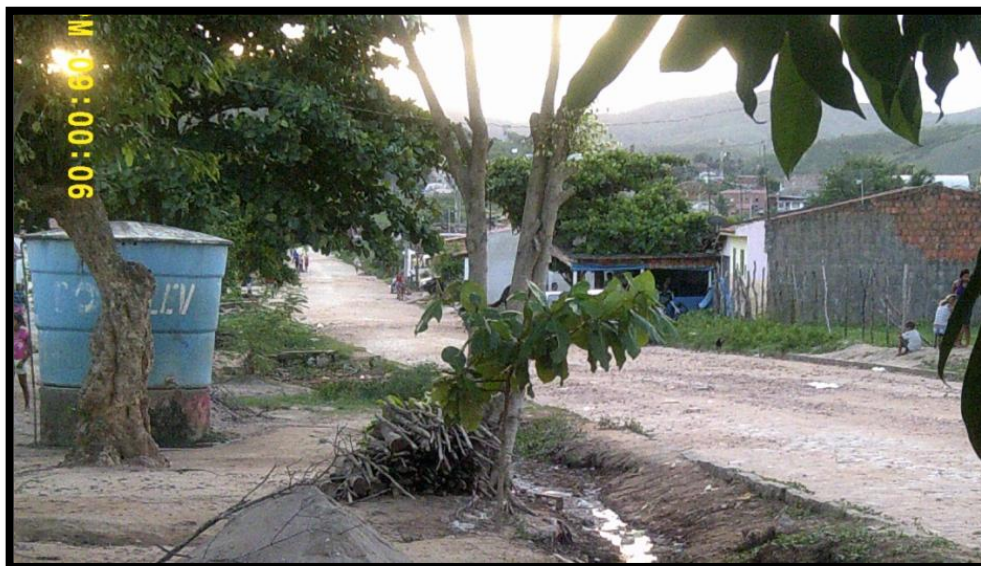
Este ano, devido ao longo período de estiagem, a população de toda a cidade de Alagoinha sofreu com o racionamento de água feito para que a barragem não secasse e desse para abastecer a população até o período das chuvas. Por causa disso, as pessoas também passaram a utilizar as águas salobras dos poços existentes na cidade, pois a que chegava às torneiras não era suficiente para realização das tarefas domésticas e para o consumo. No quadro 1 podemos observar os poços existentes na área urbana do nosso município.

Localidade	Latitude S	Longitude W	Ponto de água	Natureza do terreno	Prof. (m)	Situação do poço	Equipamento de bombeamento	Fonte de energia	Finalidade do uso
Rua do Sol	0657295	353216,4	Poço tubular	Público	24	Abandonado			
Chão do Cajá	065720,0	353208,8	Poço tubular	Particular	50	Em Operação	Catavento	Trifásica	Doméstico Secundário, Animal

**Quadro 1 - Poços existentes no perímetro urbano do município de Alagoinha/PB**

Fonte: CPRM, 2005, adaptada pela autora, 2013.

Na Rua do Sol quando não chega água nas torneiras a população utiliza-se de uma caixa d'água que recebe o líquido da tubulação que vai para Zona Rural (veja a mesma na figura 11). Já na Rua Chã do Cajá a população sofre com a falta de água tanto no inverno quanto no verão. Segundo relatos de moradores, apenas chega água tarde da noite, e os mesmos, para não ficarem sem água, acumulam o líquido em baldes.



**Figura 11 - Caixa d'água na Rua do Sol**

Fonte: Fotografia realizada pela autora em 3 de Maio de 2013.

Com o crescimento da população a barragem de Tauá se tornou pequena para acumular água suficiente para abastecer toda população sem haver a necessidade de racionamento no período do verão. Devido a isso surgiu a necessidade de ampliação desta barragem ou a construção de uma maior. Diante deste problema os governantes da cidade fizeram um projeto para que esse problema viesse a ser resolvido, em que por meio do mesmo será ampliado a rede adutora de água, com recursos da FUNASA (Fundação Nacional da Saúde). A verba para este projeto foi liberada no final de 2012, e no início deste ano começaram as obras.

### 3.2.2 Esgoto sanitário

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), mostra que Minas Gerais com 87,2% é a Unidade Federativa com melhor percentual de domicílios em aglomerados subnormais com esgotamento sanitário adequado, já o estado com pior



percentagem é o Tocantins com 0,9%. De acordo com o mesmo instituto a Paraíba tem um percentual onde mais da metade dos esgotamentos sanitários das periferias são adequados, ou seja, 63,3%. Os esgotos das Ruas do Sol e Chã do Cajá (Alagoinha-PB) não se enquadram nesse percentual positivo, pois seus esgotos são a céu aberto, por isso encaixam-se nos 36,7% dos esgotos não adequados.

Nas Ruas do Sol e Chã do Cajá o esgoto a céu aberto causa vários problemas ao meio ambiente, como a poluição do solo. Já os moradores, além de sofrerem com o odor insuportável desses esgotos, são obrigados a conviver com a presença dos pernilongos tanto no inverno como no verão; o contato direto que é algo inevitável, principalmente nas crianças, causa doenças como as relacionadas à verminose. As crianças, por não terem um lugar adequado para brincar, como em uma praça, se divertem em meio à sujeira e ao mau cheiro dos esgotos. Na figura 12 pode ser visualizado o esgoto a céu aberto da área estudada, que escorre próximo das residências.



**Figura 12 - Esgoto a céu aberto na Rua do Sol**

Fonte: Fotografia realizada pela autora em 26 de setembro de 2012.

Nas valas do esgoto das ruas estudadas escorre todo tipo de dejetos, até mesmo fezes e urina humana. Nelas também se acumula muito lixo, que no período das chuvas é arrastado

para o meio da rua, causando acúmulo de lixo em frente às casas e mau cheiro. Como podemos ver na figura acima, à frente de algumas casas existem pequenas pontes que foram construídas pelos moradores, as mesmas servem para as pessoas passarem pelas valas sem entrar em contato com o esgoto. Os moradores também limpam essas valas para diminuir o mau cheiro. Durante uma visita a Rua do Sol podemos constatar isso, observe na figura 13:



**Figura 13 - Limpeza feita por um dos moradores da Rua do Sol em uma vala de esgoto**

Fonte: Fotografia realizada pela autora em 25 de julho de 2013.

Não é dever da população das Ruas do Sol e Chã do Cajá fazer pequenas pontes ou limpar a vala do esgoto. O poder público tem a obrigação de acabar com os esgotos a céu aberto, para que fatos como esses não venham a ocorrer. As pessoas, ao limpar essas valas, correm o risco de contrair doenças, pois estão tendo contato direto com inúmeras bactérias.

### **3.3 Pavimentação**

Para que haja uma boa qualidade de vida em todo espaço urbano é indispensável que todas as ruas sejam pavimentadas. Segundo o IBGE (2008), apenas 31,8 dos municípios brasileiros tem de 80 a 100% de suas ruas pavimentadas. Na tabela 1 podemos ver a distribuição dos municípios, por percentual de ruas pavimentadas na área urbana, segundo as Grandes Regiões:

Grandes Regiões	Distribuição dos municípios, por percentual de ruas pavimentadas na área urbana				
	Até 20%	20 a 40%	40 a 60%	60 a 80%	80 a 100%
Brasil	3,9	8,4	15,2	40,1	31,8
Norte	16,4	22,1	19,6	35,0	6,9
Nordeste	2,7	7,3	18,2	49,8	21,7
Sudeste	1,1	3,3	8,9	32,8	53,6
Sul	5,2	11,0	18,3	41,6	22,4
Centro-Oeste	3,8	12,3	15,8	32,2	35,7

**Tabela 1 - Distribuição dos municípios, por percentual de ruas pavimentadas na área urbana, segundo as Grandes Regiões-2008**

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, coordenação de População e Indicadores Sociais, pesquisa Nacional de Saneamento Básico, 2008.

Nem todas as ruas da cidade de Alagoinha são pavimentadas, como é o caso da Rua do Sol e Chã do Cajá, em que na primeira há calçamento em uma parte apenas, já a segunda não tem calçamento. Com isso ocorrem alguns problemas que atingem tanto as pessoas residentes como as não residentes, tanto no inverno como no verão. No período das chuvas a Rua Chã do Cajá fica repleta de lama e de buracos que dificultam a locomoção dos moradores e das pessoas da Zona Rural e de outros municípios (Mulungu e Gurinhém) que passam por esta rua, mesmo depois da construção da rodovia que liga Alagoinha-Mulungu, que fica por trás da área estudada. Já no período do verão os moradores sofrem com a poeira. Na figura 14 pode ser observada a ausência de calçamento em uma parte da Rua do Sol, já na figura 15 podemos ver o que provoca a falta de calçamento e o esgoto a céu aberto no inverno na Rua Chã do Cajá:



**Figura 14 - Ausência de calçamento em uma parte da Rua do Sol**

Fonte: Fotografia realizada pela autora em 25 de julho de 2013.



**Figura 15 - Rua Chã do Cajá no inverno**

Fonte: Fotografia realizada pela autora em 25 de julho de 2013



Na figura 15 podemos observar que no inverno a Rua Chã do Cajá fica repleta de lama, a qual é formada pela água da chuva e do esgoto. Além disso, ainda há lixo junto dessa lama. Um dos problemas causados pela falta de calçamento em uma parte da Rua do Sol é o seguinte: no inverno a água da chuva arrasta terra e seixos da parte não calçada, deixando a parte calçada coberta de terra e seixos. Observe esse fato na figura 16:



**Figura 16 - Parte calçada da Rua do Sol toda coberta de terra e seixos**  
Fonte: Fotografia realizada pela autora em 26 de setembro de 2012.

São inúmeros os problemas causados pela falta de calçamento nas Ruas do Sol e Chã do Cajá. A junção entre esgoto a céu aberto e a falta de calçamento faz com que as áreas estudadas sejam ainda mais insalubres no período do inverno que no do verão.

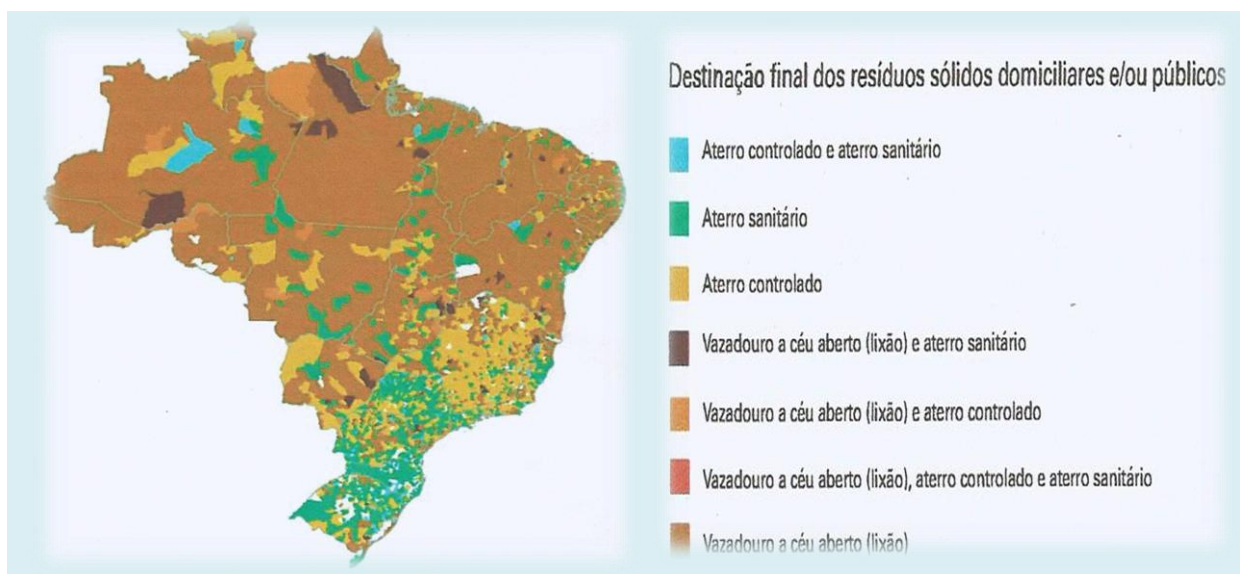
#### 4 Lixo

Conforme Themelis e Ulloa (2007), a produção mundial dos resíduos sólidos urbanos chegou a um valor aproximado de 1,8 bilhões de toneladas por ano. As cidades são locais onde ocorrem uma grande concentração de pessoas, que produzem uma quantidade de lixo superior à do campo – onde vivem poucas pessoas. Todos os produtos que são comprados no supermercado, desde os materiais de limpeza aos produtos alimentícios, têm uma



embalagem descartável que é jogada no lixo. O ser humano em todos os dias de sua vida produz resíduos sólidos, e muitos desses resíduos duram mais do que o próprio homem.

Os municípios brasileiros podem ter três formas de destino para os resíduos sólidos: aterro controlado, aterro sanitário e vazadouro a céu aberto (lixão). A maioria dos municípios do nosso país utiliza os lixões para descartar os seus resíduos sólidos. Este é o pior fim que o lixo pode ter, pois com esse destino ele prejudica a saúde pública e o meio ambiente. Na figura 17 podemos observar a destinação final dos resíduos sólidos do Brasil



**Figura 17 - A destinação final dos resíduos sólidos domiciliares e públicos do Brasil-2008**

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, coordenação de População e Indicadores Sociais, pesquisa Nacional de Saneamento Básico, 2008, adaptada pela autora, 2013.

Como podemos ver na figura 17, a maioria dos municípios paraibanos descarta os seus resíduos sólidos nos lixões (vazadouro a céu aberto), como é o caso de Alagoinha. Mas essa realidade está com os dias contados, pois até 2014 todos os municípios brasileiros, perante a Lei 12305/10, não deverão possuir lixões.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), mostra que a unidade federativa brasileira com melhor percentual de domicílios em aglomerados subnormais com coleta de lixo adequada é o Paraná, com 99,0%; já o pior percentual é o de Roraima, que é 31,5%. De acordo com o mesmo instituto, 95,2% da coleta do lixo dos aglomerados subnormais da Paraíba é adequada. Isso é muito bom para as pessoas do nosso estado que vivem nas periferias, pois o lixo causa vários problemas à saúde da população e danos ao meio ambiente. Segundo Rocha *et al.* (2011), a decomposição do lixo produz o chorume, que é um líquido de cor escura, odor desagradável e tem um grande poder de poluição do solo e das águas subterrâneas.

Nas Ruas do Sol e Chã do Cajá (Alagoinha-PB) ocorre a coleta do lixo três vezes por semana. Mesmo com a coleta, as pessoas, por não terem consciência dos problemas que o lixo pode causar a elas e ao meio ambiente, jogam-no em locais impróprios, como próximo de suas casas. Com isso são atraídos para as residências ratos que podem transmitir leptospirose e os mosquitos *Aedes Aegypti* que são transmissores da dengue. Após coletar o lixo a prefeitura o queima em uma área afastada da cidade, isso evita alguns problemas para a sociedade, como as doenças transmitidas por insetos, mas não deixa de prejudicar o meio ambiente, com os gases poluentes lançados na atmosfera.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população das periferias não precisa apenas que o governo construa residências, faça calçamentos nas ruas, dê um destino certo ao lixo produzido e faça sistemas de esgoto, além de tudo isso, é indispensável que haja emprego para todos, saúde e educação de qualidade. Só assim as periferias urbanas serão locais menos precários.

A área estudada atualmente é considerada como periferia pelo fato de apresentar deficiências em sua infraestrutura. Se no futuro houver uma melhoria na infraestrutura e nos aspectos socioeconômicos das Ruas do Sol e Chã do Cajá, ambas podem deixar de ser periferia como Ritter e Firkowski (2009) afirmam: tanto pode ocorrer o processo de periferização como o de desperiferização.

As periferias são áreas da cidade que existem desde o surgimento do capitalismo, e continuarão a existir nos espaços urbanos do futuro. Isso porque não há como todos os moradores da cidade viverem em localidades que sejam centralidades. Mas o que pode ocorrer, e deve, é a melhoria da qualidade de vida nessas áreas, que conhecemos atualmente como espaços que não proporcionam uma boa qualidade de vida para os seus moradores.

Como podemos ver no capítulo 1, as periferias urbanas atualmente não são definidas apenas pela sua localização no espaço urbano, mas principalmente pela sua infraestrutura e a qualidade de vida proporcionada a sua população.

Os próprios moradores das Ruas do Sol e Chã do Cajá em meio às dificuldades causadas pela falta de infraestrutura procuram por meio de pequenos atos minimizarem os problemas, como é o caso da limpeza dos esgotos e as pequenas pontes construídas sobre a vala por onde escorre o esgoto. Por meio da observação feita em campo, e do relato de um dos moradores, as pessoas da área de estudo não reivindicam por melhorias, primeiramente, por falta de conhecimento dos seus direitos, depois, por comodismo.

Toda época de eleição os candidatos da nossa cidade prometem solucionar os problemas dessas ruas, porém nada é feito. O povo não precisa de promessas e sim de soluções. Não apenas as pessoas dessas ruas, mas o povo brasileiro em geral tem que acordar, e reivindicar pelos nossos direitos. Se a Constituição diz que temos direito a saúde, educação, moradia, saneamento básico de qualidade, não devemos nos acovardar, temos que lutar pelos nossos direitos e também temos o dever de mostrar às pessoas com menos conhecimento que temos, inclusive, o direito de cobrar dos nossos representantes soluções para os problemas que afetam a todos.

Temos que passar a ter outra leitura de mundo que não seja aquela que nos é imposta pelos meios de comunicação conservadores. Pelos quais boa parte da população brasileira é alienada, e por isso muitos viram os últimos protestos como sendo um ato de baderna ou vandalismo. Isso é o que a elite quer que as pessoas pensem, pois se todos passarem a querer lutar pelos nossos direitos a classe dominante perderá os privilégios que tem perante a classe dominada.

Não é justo e nem foram criadas leis em que se estabelece que as pessoas mais pobres devem morar em locais onde se falta de tudo um pouco, inclusive infraestrutura. Mesmo sem esta regra estar escrita o espaço urbano brasileiro só é devidamente desfrutado pela classe média e rica, enquanto os pobres ficam a mercê dos problemas existentes nas periferias.

O verdadeiro responsável pela existência dos problemas das periferias pobres é o sistema capitalista, logo para que eles deixem de existir a nossa sociedade teria que se tornar socialista. Já que isso não vai ocorrer, cabe ao estado investir em políticas públicas que possam minimizar os problemas na infraestrutura dessas localidades. Porém para que esses investimentos venham a ocorrer é necessário que o povo cobre dos nossos governantes.

## REFERÊNCIAS

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. Informação e documentação – Citações em documentos – Elaboração - NBR 10520.** Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – Referências – Elaboração - NBR 6023.** Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – Resumo – Apresentação - NBR 6028.** Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – Sumário – Apresentação - NBR 6027.** Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – Trabalhos Acadêmicos – Elaboração - NBR 14724.** Rio de Janeiro, 2011.

ANDRADE FILHO, Eginaldes de. **Alagoinha: Evolução Política-Administrativa.** João Pessoa: Ideia, 2004.

BALTRUSIS, Nelson. **Transformações do modo de morar nas metrópoles contemporâneas-novos discursos, velhos problemas.** Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 59, p 1-55, ago. 2010.

BARBOSA, Francisco de Assis dos Reis. **Medidas de proteção e controle de inundações urbanas na bacia do Rio Mamanguape/PB.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Alagoinha, estado da Paraíba.** Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da geografia.** IN: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas.** 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana.** São Paulo: Difel, 1983.

GOMES, Camila de Andrade; ARAÚJO, Elizabeth da Silva. **Manual de orientação e normalização de livros.** Campina Grande: Eduepb, 2010.

GOMES, Márcio Fernando; PÍCCOLO, Daniel Raminelli; ENDLICH, Ângela Maria. **Urbanização e a produção de territórios periféricos.** São Paulo: Sarandi, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000 e Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF 2002/2003.**

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2008.**

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010.**

LAGO, L. C. **Desigualdades e segregação na metrópole: o Rio de Janeiro em tempo de crise.** Rio de Janeiro: Revan, 2000.

LIMA, Thiago Almeida de. **Zonas especiais de interesse social: a institucionalização da segregação sócio-espacial em João Pessoa – PB.** (Tese de Mestrado em Geografia Humana) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

LOCATEL, Celso Donizete. **O urbano e o rural no nordeste paulista.** IN: PERINELLI NETO, Humberto; NARDOQUE, Sedeval; MOREIRA, Vagner José (Orgs.). **Nas margens**

**da boiadeira: territorialidades, espacialidades, técnicas e produção no noroeste paulista.** 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 117-140.

MARICATO, Ermínia. **Autoconstrução, a arquitetura possível.** IN: **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial.** São Paulo: Editora Alfa, Omega, 1979.

MEDEIROS, Coriolano de. **Dicionário Coriográfico do Estado da Paraíba.** 2º Ed. Rio de Janeiro: Deptº Imprensa Oficial, 1950.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia Física: Ciência Humana?.** São Paulo: Contexto, 1998.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **O que é urbano, no mundo contemporâneo.** Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. **Segregação urbana em cidades pequenas: algumas considerações a partir das escalas intra e interurbana.** Curitiba: UFPR, 2010.

\_\_\_\_\_. **A produção do espaço urbano em cidades pequenas de regiões não-metropolitanas: uma reflexão a partir de um estudo de caso.** São Paulo: 2009.

MOURA, R; ULTRAMARI, C. **O que é Periferia Urbana.** São Paulo: ed. Brasilienses: 1996.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação.** Botucatu: 1996.

RITTER, Carlos; FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. de F. **Novo conceitual para as periferias urbanas.** Curitiba: 2009

ROCHA, César Henrique Barra; FILHO, Fernandes de Brito; SILVA, Jorge Xavier da. **Geoprocessamento aplicado à seleção de locais para a implantação de aterros sanitários: o caso de Mangaratiba-RJ.** In: SILVA, Jorge Xavier da; ZAIDAN, Ricardo Tavares (Orgs.). **Geoprocessamento & análise ambiental.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p.

259-298.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SAIANI, C.C.S. **Restrições à expansão dos investimentos em saneamento básico no Brasil: déficit de acesso e desempenho dos prestadores**. Dissertação (mestrado em economia aplicada) — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **A vida nas cidades**. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SPÓSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e Urbanização**. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2001.

TANAKA, Giselle Megumi Martino; PEREIRA, Paulo César Xavier. **Periferia: Conceito, práticas e discursos práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2006.

THEMELIS, N. J.; ULLOA, P. A. **Methane generation in landfill**. *Renewable Energy* 32, 2007. 1243-1257 p.



**APÊNDICE**

## APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS AGENTES DE SAÚDE

Universidade Estadual da Paraíba

Departamento de Geociências

Pesquisa Geográfica – Ruas do Sol e Chã do Cajá, na cidade de Alagoinha.

Entrevistador: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Rua Pesquisada:

Agente de saúde (a) entrevistado: \_\_\_\_\_

**Perguntas:**

1- Quantos moradores têm a rua?

\_\_\_\_\_

2- Tem quantas crianças menores de 2 anos ?

\_\_\_\_\_

3- Tem quantas casas?

\_\_\_\_\_

4- Na maioria das casas vivem quantas pessoas?

\_\_\_\_\_

5- Quantas casas são de taipa?

\_\_\_\_\_

6- Quantas são de alvenaria (tijolos)?

\_\_\_\_\_

7- Quais são as doenças que mais ocorrem?

\_\_\_\_\_

8- Quais são os principais problemas causados pelo esgoto a céu aberto?

\_\_\_\_\_

9- A maioria dos moradores trabalha na cidade ou no campo?

\_\_\_\_\_

10- Como é a coleta do lixo?

\_\_\_\_\_

11- De 2000 pra cá a sua população vem diminuindo ou aumentando?

\_\_\_\_\_

12- Para onde os moradores da Rua do Sol migram com mais frequência?

\_\_\_\_\_

**APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO NO SAAE**

Universidade Estadual da Paraíba

Departamento de Geociências

Pesquisa Geográfica – Ruas do Sol e Chã do Cajá, na cidade de Alagoinha/PB.

Entrevistador: Patrícia Soares de Meireles Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Entrevistado (A): \_\_\_\_\_

**Perguntas:**

1- Quantos domicílios particulares tem abastecimento de água:

a- Em todo município:

\_\_\_\_\_

b- No perímetro urbano:

\_\_\_\_\_

c- Na Zona Rural:

\_\_\_\_\_

d- Na Rua do Sol:

\_\_\_\_\_

e- Na Rua Chã do Cajá:

\_\_\_\_\_

2- A construção da nova barragem resolverá o problema da falta de água na época do verão?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3- Essa nova barragem terá capacidade para quantos litros de água?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4- Qual a previsão para o terminou das obras da nova barragem?

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE C: PERGUNTAS UTILIZADAS NA ENTREVISTA

Universidade Estadual da Paraíba

Departamento de Geociências

Pesquisa Geográfica – Ruas do Sol e Chã do Cajá.

Entrevistador: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Local da Pesquisa: \_\_\_\_\_

### DADOS DO ENTREVISTADO

1. Nome \_\_\_\_\_

4. Sempre morou nesta rua?

( ) Sim Não( )

5. Se não onde morava antes de vir para esta rua?

Cidade/Bairro: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ ( ) Zona Rural Zona urbana ( )

6. Ano em que veio morar nesta rua? \_\_\_\_\_

### I SOBRE A RUA

1. Porque esta rua se chama chã do cajá?

2. Porque esta rua se chama rua do sol?

3. Porque a rua do sol é conhecida por Rua da Coreia?

4. Pretende Permanecer no local?Justificar?

5. O que você acha da sua rua?Suas impressões sobre ela?

6. Porque sua família escolheu residir nesta rua?

7. Quando chegou a esta rua era do mesmo jeito de hoje?Se não o que mudou?

8. Como era a maioria das casas desta rua logo quando ela surgiu?

### II. ESGOTO

1. Quais são os principais problemas causados pelo esgoto a céu aberto para população da sua rua?

### III. LIXO

1. Onde sua família coloca o lixo que produz?

2. Tem lixo acumulado próximo de sua residência? Se a resposta for sim relate os problemas que esse lixo provoca?

#### **IV. ÁGUA**

1. Como é o abastecimento de água no verão?
2. Quando não tem água na torneira sua família utiliza água de onde? Essa água é tratada?
3. As pessoas de sua rua utilizam água de forma consciente, ou seja, sem desperdício? Se a resposta for não relate como ocorre?

#### **V. CALÇAMENTO:**

1. Em que ano foi feita uma parte do calçamento da Rua do Sol?
2. Quais são os problemas causados pela falta de calçamento:  
A- No inverno?  
B- No verão?